3 1761 07046727 9

Digitized by the Internet Archive
in 2010 with funding from
University of Toronto

http://www.archive.org/details/quadrasglosadas00leit

QUADRAS GLOSADAS

POR

ANTONIO BERSANE LEITE.

LISBOA. M.DCCCIV.

NA OFFIC. DE SIMÃO THADDEO FERREIRA.

Com licença da Meza do Desembargo do Paço.

Vende-se na mesma Officina na Rua da Atalaia ao Bairro Alto.

PQ
9261
L422
Q3

DEDICATORIA

Á ILL.ma, E EX.ma SENHORA CONDEÇA DE OYENHAUSEN.

SE o Sol não mandasse ás Plantas
Amorosos resplendores,
Pobres Plantas, morrerião
Sem jámais brotarem flores.

Debil planta he minha Musa,
Tu és o Sol bemfeitor,
Que póde, benigna Alcipe,
Dar-lhe alento, e dar-lhe flor.

Tu, que do Monte sagrado
As sagradas Filhas reges,
Que do Téjo os almos Cysnes
Ouves, inspiras, proteges,

Que nas Virtudes és Grande,
Que és das Sciencias o escudo,
Que para gloria de Lysia
Já nasceste Grande em tudo:

Celeste Alcipe, agrilhôa
Os meus Destinos adversos,
Aos pés do teu aureo throno
Acolhe meus rudes versos.

Otoni, e Bocage, ricos
Do ethéreo Febêo thesouro,
Os seus versos te offerecêrão
Em brilhantes Aras de ouro:

Bresane he pobre, e mais pobres
Ainda os seus versos são:
Para offerecer-tos formou
Puro altar do coração,

Mas se Benigna os recebes,
Ao teu escudo seguros,
Hirão á Posteridade,
Calcando os Fados escuros.

Cheios d'Apollo, e de Ti,
Rompendo bravas procellas,
Hirão collocar teu Nome
Muito acima das Estrellas.

EPISTOLA

Ao Senhor Antonio Bersane Leite.

OS Amores ha muito, ha muito as Graças,
E a Deosa, delles Mái, Mái de teus versos
Instão que á Patria os dès, que os dês á Fama.
Tarde cedeo Tionio á voz divina,
Tarde, que vezes cento a Paphia Turba
(Nas horas brandas em que aos ais me acode)
Carpindo-se de ti, me disse, oh Vate:
„ O Ingrato, que inspirâmos, foge á Gloria,
„ Ao público louvor se esquiva, e furta.
„ Grinaldas de amaranto, e mirto, e rosas,
„ Dos maternos Jardins por nós colhidas,
„ Soffre que as murche, q̃ as define o Tempo,
„ Na fronte onde borbulhão, fervem, brincão
„ Gentis idéas, e expressões mimosas.
„ Aos Numes do prazer, de Cypria aos Filhos,
„ Que para eternizallo os sons lhe derão,
„ Remisso, desleixado, assim responde!
„ Os Deoses nos Mortaes que mais amimão
„ A's vezes corações de ferro encontrão!
„ Cantor de Teios, os teus versos vivem,
„ Viváo com elles de Tionio os versos;
„ E o Numen fallador, que gyra o Globo,
„ Nelle esparzindo-os, amacie as vozes,
„ Colha brandura do amoravel Canto.

Assim, queixosos da tenaz modestia,
Com que teu nome a teu louvor negavas,

A rósea, tenra face os Deoses nossos
De aljofar mavioso humedecião.

Emfim cedeo Tionio á voz divina:
Já vê com gloria o litterario Mundo
Que brilha hum Genio mais no Ceo das Artes.
Versos formosos, adejai sem susto,
Meigos Amores, escoltai-lhe o vôo.
Embora ladre o Zoilo, embora os morda
Dente canino de Aristarco inerte.
Os fins se frustrem da escumante Inveja,
Que no seu nada quer sumir o engenho,
Roer-lhe, apodrentar-lhe a flor, e o fructo.

Prole dos Numes, quasi Nume, o Vate
Vive no Tempo, na Memoria vive,
E vai do Tempo, e da Memoria aos Astros;
Converter-se em porção da Eternidade.

Oh Seculo ferrenho, a teu máo grado,
Ha quem preze a Razão, quem preze as Artes,
Ha máo que avive, e galardôe o Genio!

Folguem de Fébo Espiritos mimosos,
Folga, Tionio, seu querido Alumno:
„ D'entre as Furnas da Inveja, ou tarde, ou cedo
Surge a Gloria em triunfo, e nunca morre.

Bocaje.

QUA-

QUADRINA I.

Não temo a cruenta Sorte,
Nem imploro o seu favor;
A' Ventura, e á Desgraça
Tenho huma alma superior.

GLOSA.

QUal zomba do Nóto irôso
Marpesio rochedo duro,
Assim eu firme, e seguro
Zombo do Fado horroroso:
Ou veja o Ceo tenebroso,
Ou em calma, sempre forte,
Tomando a Razão por norte,
E tendo a Virtude ao lado,
Não receio o negro Fado,
Não temo a cruenta Sorte.

Que são Desgraça, e Ventura?
Nada são, pois seus effeitos
Durão só em nossos peitos
Quanto a debil vida dura:
Que entorne a Desgraça escura
Sobre mim o pranto, e dor,
Que a Fortuna superior
Dons me prometta a milhares:
Nem me curvo a seus altares,
Nem imploro o seu favor.

Tu me mandas, sã Virtude,
Que eu não mude desta empreza;
Bem qual manda a Natureza
Ao rochedo se não mude:
Já por ti quebrar eu pude
Os laços, que a paixão traça;
Sim, Virtude a tua graça
Faz, por influxo brilhante,
Que eu já mostre igual semblante
A' Ventura, e á Desgraça.

Filosofia, ao clarão
De tuas brilhantes luzes,
Tu me guias, e introduzes
Nas moradas da Razão:
Alli de meu coração
Me mostras que sou senhor;
Já, graças ao teu favor!
Com hum escudo tão forte,
A' Desgraça, ao Fado, á Morte
Tenho huma alma superior.

II.

O meu bem na despedida
Não fez mais que suspirar;
Apertou-me a mão no peito,
Nem hum só ai pôde dar.

GLOSA.

DE novo o clarim me chama
Ao campo do bravo Marte,
Que do Idolo meu me aparte
Manda a Gloria, manda a Fama:
Já fez em mim a alta flamma,
Que a triunfar me convida,
A prova mais desabrida;
Já fez que dos labios meus
Ouvisse o ultimó a Deos
O meu bem na despedida.

Tudo sentio pena, e dor
Em lance tão desabrido:
Té chorava arrependido
De me haver ferido Amor;
O meu bem, perdida a côr,
As mãos levantava ao ar..,!
Em vão procura fallar,
Preza a voz no peito tem;
Quiz dizer-me a Deos, porém
Não fez mais que suspirar.

Té que me diz: „ Bem amado,
„ Vai coroar-te de Victorias;
„ Não impeça as tuas glorias
„ O meu amor desgraçado:
„ Devemos ceder ao Fado!
„ Seja com sereno aspeito:
„ Parte... „ Mas cedendo ao effeito
Da dor, da pena, e da morte,
Corre a mim, e com transporte
Aperton-me a mão no peito.

Então grita delirante :
„ Ah ! Parte por compaixão !
„ Já sinto no coração
„ A Virtude vacillante :
„ Vai, meu bẽ ..! „ Torna constante..!
Nisto o clarim rompe o ar ;
Ao partir quiz-me animar,
Já não pôde ! Oh duros Ceos !
Nem pôde dizer-me a Deos,
Nem hum só ai pôde dar.

III.

Tentou-me Amor com promessas
D'eterna felicidade;
Fui sensivel á ternura,
Consagrei-lhe a liberdade.

GLOSA.

„ EU tenho hum laço tecido,
(Diz-me Amor) „ laço mimoso,
„ Em que te hei de ver ditoso,
„ Ou não hei de ser Cupido:
„ Nelle a hum alto bem unido
„ Te has de ver, não esmoreças;
„ Hoje quero que conheças
„ As glorias, que tem meus laços:
„ Vamos. „ E a seguir-lhe os passos,
Tentou-me Amor com promessas.

Então, qual benigna estrella,
Me guiou com terno agrado
Ao lugar afortunado,
Onde estava Marcia bella:
„ Vês (me diz sorrindo) aquella,
„ Que he do Téjo divindade?
„ Pois he, Tiónio, quem ha de
„ Dentro do meu laço estreito
„ Inundar teu fido peito
„ *D'eterna felicidade.* „

Nisto Amor desapar'ceo;
E eu vendo de Marcia o rosto,
Vejo hum divino Composto
D'ethéreas porções do Ceo:
Marcia he minha, Amor m'a deo,
(Grito contra a Sorte dura)
E engolfado na ventura,
Que me off'rece o Deos menino,
Desmaiei, perdi o tino...
Fui sensivel á ternura.

Quando torno a mim, e ufano
Ver Marcia bella pertendo,
Me achei junto do tremendo
Desabrido desengano:
Marcia! (Grito) Oh fero engano!
Roubou-ma Amor; mas não ha de
Roubar-me a Gloria, a vaidade
Da chamma, que me consume...!
Hei de amala...! E ante o Nume
Consagrei-lhe a liberdade.

IV.

Acipreste verde, e triste,
Cópia da minha figura;
Verde, qual minha esperança,
Triste, qual minha ventura.

GLOSA.

QUiz á tua tyrannia,
Marcia, consagrar meus ais;
Busco hum sitio, onde jámais
Pôde entrar a luz do dia:
Aonde a Melancolia
Com a feia Morte assiste:
Entre o horror, que alli existe,
Me assentei inconsolavel
A' sombra de hum formidavel
Acipreste verde, e triste.

Em tôrno de mim giravão
Mil espectros horrorosos;
Ante meus olhos chorosos
Pálidas sombras vagavão:
Os Genios tristes julgavão
Ser eu a Tristeza dura;
Do meu semblante a amargura
Lhes davão toda a certeza:
Tanto era a mesma Tristeza
Cópia da minha figura.

Entre a dor mais excessiva,
A voz alcei desta sorte:
Vem a mim, ó chara Morte,
Marcia já não quer que eu viva:
Foi a minha esp'rança altiva
Troféo da sua mudança:
Piedoso Acipreste, lança
Sobre mim triste verdura;
Seja a minha sepultura
Verde, qual minha esperança.

Fi-

Fique em teu tronco robusto
Pela mão de Amor gravada
A memoria desgraçada
D'hum amor tão puro, e justo:
Leia em ti Marcia o injusto
Premio da minha fé pura...!
E se a ingrata com ternura
Tiver compaixão de mim,
Conheça que foi meu fim
Triste, qual minha ventura.

V.

Não ha cousa que mais custe,
Que padecer, e calar;
A quem adora em segredo
Fóra melhor não amar.

GLOSA.

BAtalhão dentro em meu peito,
Marcia, o Respeito, e o Amor;
Ambos querem com rigor
Ver-me ás suas leis sujeito:
Quer que me cale o Respeito,
Que a seus dictames me ajuste;
Que falle, e que não me assuste,
Manda Amor: Ceos soberanos!
Satisfazer dois tyrannos
Não ha cousa que mais custe.

O Respeito me intimida,
Bella Marcia, já não fallo;
Cumpro as leis; mas se me calo,
A's mãos de Amor perco a vida:
Não posso, Marcia querida,
Mais minha chamma occultar;
Se calando hei de penar,
Se hei de sempre padecer,
Eu antes quero morrer,
Que padecer, e calar.

Eu te adoro, Bem amado;
Já fallei, Marcia, perdão!
Não pôde o meu coração
Soffrer tanto, e estar calado:
Inda que fosse formado
Do mais rígido penêdo,
Não podéra mudo, e quêdo
Soffrer o cruel rigor,
Com que tyranniza Amor
A quem adora em segredo.

Quando o Ceo, Marcia, te encheo
Da mais rara formosura,
Capaz de amar com ternura
Sensivel alma me deo:
Logo parece que o Ceo
A fez para te adorar;
Pois se a quizera privar
De Gloria tão superior,
Não sentir fôra melhor,
Fôra melhor não amar.

VI.

VI.

Se eu brigar c'os meus Amores,
Não se intrometta ninguem;
Que acabados os arrufos,
Ou eu vou, ou ella vem.

GLOSA.

POsso amar Nize, e não ter
No peito a furia dos zelos,
Vendo por seus olhos bellos
Amor d'amores morrer?
Posso em paz a seus pés ver
Rendidos mil Amadores?
Não póde ser: vós, Pastores,
Que inda Amor não conheceis,
Não vos escandalizeis,
Se eu brigar c'os meus Amores.

Chamo-lhe féra peior,
Que a mais féra tigre hircana;
„ Vai-te, (me diz a tyranna)
„ Não mereces meu amor „
Então com raiva, e furor
Grito: Mata me, meu bem...
„ Cruel! Mata-me tambem.
(Me diz com animo forte)
„ A embaraçar-nos a morte
„ *Não se intrometta ninguem.* „

Desta sorte nos condemna
O ciume a hum tal desgosto;
Mas que se lhe siga o gosto,
Compassivo Amor ordena:
Assim como o mar serena,
Depois que em hórridos rufos
Levanta enrolados tufos;
Assim dois peitos zelosos
Nunca ficão mais gostosos,
Que acabados os arrufos.

Terno a chamo, em vão a espero;
Mais se affasta, e me desdenha;
E quando espero que venha,
Me chama com ar severo:
Tremo todo, e quando ir quero,
O capricho me detem;
Té que hum riso do meu bem
De todo a guerra desfaz;
E depois de feita a paz,
Ou eu vou, ou ella vem.

VII.

Arrazado o Templo seja,
Trema Amor de seus enganos;
Pague os males, que tem feito
Nos corações dos humanos.

GLOSA.

JAz por Nize Amor vencido,
Respirai, ternos Amantes;
Já as settas penetrantes
Depôz a seus pés, rendido:
Seu Imperio desabrido
Manda o Ceo que Nize reja;
E porque mais se não veja
Respirar o Deshumano,
Manda emfim que do Tyranno
Arrazado o Templo seja.

Solta Nize os desgraçados,
Que de Amor erão captivos;
Palpitavão semi-vivos
Com duros grilhões ligados:
Nize então, em mil agrados,
Lhes diz: „Respirai, humanos;
„ Amor com laços tyrannos
„ Já não ha de aprisionar-vos;
„ E se ousar mais enganar-vos,
„ *Trema Amor de seus enganos.* „

Chora Nize enternecida,
Mostra-lhe os seus olhos bellos;
O alto prazer de vêllos
Bastou para dar-lhes vida:
Corre a Amor, com desabrida
Setta lhe traspassa o peito;
Manda que o tyranno effeito,
Sem morrer, sinta da morte:
Que assim viva, e desta sorte
Pague os males, que tem feito.

Ancias, ais, zêlos, rigores,
Tudo acabou neste dia;
Amor com ferros vencia,
Nize vence com favores:
Dos felices Amadores
Não pede cultos tyrannos;
Não quer em Templos profanos
Ser temida, e respeitada,
Ella quer ser adorada
Nos corações dos humanos.

VIII.

Tudo que ha triste no mundo,
Tomára que fosse meu;
Para ver se tudo junto
Era mais triste do que eu.

GLOSA.

QUando de Marcia gozava
Doces mimos, mil favores,
Eu escondido entre flores
Amor vi: raivoso estava,
Vendo que Marcia apartava
De minha alma o mal profundo;
Mas mais delira iracundo,
Vendo com que doce effeito
Affastava de meu peito
Tudo que ha triste no mundo.

Contra mim enfurecido,
D'aljava huma setta tira;
Toca Marcia a doce lyra,
Cahe por terra Amor rendido:
» Mãi; (grita) » Deosa de Gnido,
» Tua rival me venceo!
» Por gloria do Imperio teu,
» E do meu poder violento,
» Só, Mãi, aquelle instrumento
» *Tomára que fosse meu.* »

Foge Amor; Amor rendeste:
Só com hum raio brilhante
Do teu divino semblante,
Quem tudo vence, venceste:
Todo o teu poder celeste
Para o vencer era munto:
Tuas perfeições ajunto,
Só por ver se a formosura,
Se a graça foi, se a ternura,
Para ver se tudo junto.

Ah Marcia! A tua belleza
De hum triunfo coroáras,
Se hum maior não alcançáras
Em vencer minha tristeza:
Monstro de maior fereza
Nella o teu poder venceo;
Pois em quanto irado o Ceo
Me privou de ver-te o bem,
Juro, ó Marcia, que ninguem
Era mais triste do que eu.

IX.

Subi a teu pensamento,
Nunca tão alto subi;
Decahi da tua graça,
Outro subio, eu desci.

GLOSA.

QUando, ó Marcia, eu suspirava,
Altos bens me promettias;
Quantas vezes me dizias,
Que em teu pensamento estava?
Que alli mesmo Amor formava
Para mim eterno assento?
Que desde o feliz momento,
Em que te jurei fé pura,
Sobre as azas da Ventura
Subi a teu pensamento.

Em lugar tão superior
Eu era o mimo do Fado;
Ninguem tão afortunado
Beijou os grilhões de Amor:
Já me esquecia o rigor
Dos tormentos, que soffri!
Com que gloria a Amor ouvi
Dizer a Venus zeloso:
» Mái, nunca fui tão ditoso,
» *Nunca tão alto subi!* »

Tão ufano, ó Nize bella,
Com teus favores me via,
Que os revezes não temia
Da minha inimiga estrella:
Eis que horrísona procella
De improviso o Fado traça!
Fulmina a mão da Desgraça
Sobre mim o raio ardente;
Emfim, Nize, de repente
Decahi da tua graça.

Sim,

Sim, cruel, me abandonaste;
E com fera tyrannia
Ao lugar, que eu possuia,
Outro feliz elevaste:
Mas Amor, a quem faltaste,
Ha de me vingar de ti!
Sentirás, como eu senti,
Entre chammas palpitando,
Os zelos, que soffri, quando
Outro subio, e eu desci.

X.

Esses momentos gostosos,
Que comtigo já passei,
Delles te esquece, tyranna,
Que eu tambem me esquecerei.

GLOSA.

MEus ternos, doces momentos,
Que fizestes minha gloria;
Fugi da minha memoria,
Não augmenteis meus tormentos:
Por lei dos Fados cruentos
Hoje me sois odiosos;
Ah! Tirai-me, Ceos piedosos,
Esta vida, que me cança,
Ou riscai-me da lembrança
Esses momentos gostosos.

Que faz á infelicidade
Do bem passado a lembrança?
Dissipa a finda bonança
A presente tempestade:
Julgava-me divindade
Com as glorias, que gozei,
Hoje, por tyranna lei,
Me são punhaes penetrantes,
Marilia, os doces instantes,
Que comtigo já passei.

Nesta ausencia o vil ciume
Me mostra em quadro fatal
O meu ditoso Rival
Gozando os dons do meu Nume:
Oh furor, que me consume!
Ah Marilia deshumana!
He esta a fé soberana,
Que ante Amor me promettias?
Não te lembrem mais meus dias;
Delles te esquece, tyranna.

Mas perdão, meu bem amado,
Commova-te a minha dor,
Duvidei do puro amor,
Que ao Ceo foi por ti jurado:
E's fiel, eu desgraçado;
O ciume acreditei:
Já zeloso não serei,
Juro-o por teus olhos bellos:
Esquece-te dos meus zelos,
Que eu tambem me esquecerei.

XI.

A paixão, que em mim diviso,
Por A, M, principia;
Amizade, não, não he,
He Amor: quem tal diria!

GLOSA.

PElas veias n'hum instante
Eu sinto o sangue gelar-se;
E ao mesmo tempo inflammar-se
Por hum fogo devorante:
Inda mal no meu semblante
Apparece a furto o riso,
Quando sinto d'improviso
Por elle o pranto correr;
Ah! Que eu não posso entender
A paixão, que em mim diviso.

Nes-

Nesta dor, que me atormenta,
Allivio não posso ter,
Só o gosto de morrer,
He que a vida me sustenta:
Se declaro a dor violenta,
Se digo a minha agonia,
De mim fazem zombaria:
Todos dizem, que a paixão,
Que opprime o meu coração,
Por A, M, principia.

Serás tu, santa Amizade,
Que tanto extremo me custas?
Não, as tuas leis são justas,
Tem doçura, e suavidade:
Logo faz a crueldade
De Amor quanto em mim se vê?
Não sei; mas creio de fé,
Que a causa do meu ardor,
Póde ser que seja Amor,
Amizade, não, não he.

Sim,

Sim, Amor me faz morrer;
Desde que vi Nize bella,
Em crueis chammas por ella
Sinto o coração arder:
Mal me podia par'cer,
Que tão fero Amor seria!
Quando os laços me tecia,
Não era o cruel tão forte;
Porém hoje desta sorte
He Amor: *quem tal diria*!

XII.

Eu ando como hum cãozinho
Farejando após de ti;
Tu me foges, eu te sigo,
Não tens compaixão de mim.

GLOSA.

VÓs, Amantes, que soffreis
Da ausencia os golpes fataes;
Porque o bem não procurais,
Por quem saudosos morreis?
Peço-vos que me imiteis:
Qual rasteja o cachorrinho
Por hum, por outro caminho,
Em busca do seu senhor,
Em busca do meu Amor
Eu ando como hum cãozinho.

Ao achar o bem, que sigo,
Em gloria tão superior,
Quantos bens possue Amor,
Todos despende comigo:
„ Que estrella, que Fado amigo,
(Meu bem diz) „ Te trouxe aqui? „
Vim, apenas te não vi,
(Lhe respondo em mil agrados)
Serras, valles, montes, prados
Farejando após de ti.

Sim, meu bem; meu puro ardor,
Minha fé constante, e pura,
Vencêrão da ausencia dura
O desabrido rigor:
Manda Amor, piedoso Amor!
Que eu viva sempre comtigo;
Embora o Fado inimigo
Te esconda por leis fataes;
Que importa, se quanto mais
Tu me foges, eu te sigo.

Tão bella, quanto assustada,
Exclama o meu bem amado;
„ Que momento afortunado!
„ Que fineza sublimada!
„ Minha estrella, se applacada
„ Não pões a meus males fim,
„ Se fazes não dure assim
„ A minha felicidade,
„ E's cruel, não tens piedade;
„ *Não tens compaixão de mim.* „

XIII.

Estou junto do meu bem,
Eu não fallo, elle emudece;
Dizei-me, austéra virtude,
Se isto algum premio merece?

GLOSA.

FÉros golpes sem piedade
Supportei do cego Nume;
Do mais ardente ciume
Já soffri a crueldade:
As feridas da saudade
Bem vivas meu peito tem;
Tudo já soffri; porém
Tantas penas supportando,
Muito mais padeço quando
Estou junto de meu bem.

Alli me sinto abrazar
No mais vivo, e voraz fogo,
Sem ter outro desafogo,
Que padecer, e callar:
Meu bem, de ver-me penar
Vendo estou se compadece,
Quer dizer-mo, e se enternece;
Eu fallar quero, e o respeito
Me sepulta a voz no peito;
Eu não fallo, elle emudece.

Vós, Virtude superior,
Que alentais meu soffrimento,
Bem sabeis que a tal tormento
Só iguala o meu Amor:
Se este tão féro rigor
Esse Deos tyranno, e rude
Não permittir que se mude,
Ajudai-me a padecer,
Ou se não que hei de fazer,
Dizei-me, austéra virtude?

E vós, Ceos, meu triste estado
Attendei compadecidos;
Por tantos males soffridos,
Concedei-me o bem amado:
Hum Amor jámais manchado
Do rasteiro, e vil int'rêsse,
O meu peito vos off'rece
Em sacrificios gostosos:
Vêde agora, Ceos piedosos,
Se isto algum premio merece?

XIV.

Entre o Amor, e entre o susto
Repugnancia acha o desejo;
O susto prohibe o gosto,
O Amor desterra o pejo.

GLOSA.

MAnda-me o Amor que falle,
Que declare o meu tormento;
Mas quando fallar intento,
O Susto me diz, que calle:
Quantas vezes neste valle,
Junto áquelle verde arbusto,
Quiz dizer a Marcia o justo,
Puro Amor, que me abrazava,
E a voz se me súffocava
Entre o Amor, e entre o susto.

Eu desejo declarar
Meu amor a Marcia bella;
Dizer-lhe que só por ella
Sinto o meu peito abrazar:
Se piedosa me escutar,
Serei o mimo do Téjo;
Mas parece-me que a vejo
Desprezar-me sem ter dó;
A esta lembrança só
Repugnancia acha o desejo.

Quero suppôr que piedosa
Marcia minha fé premeia;
Que os nossos peitos enleia
De Amor a prizão mimosa:
Esta lembrança gostosa
Como he de hum bem supposto,
Vem augmentar me o desgosto,
Assustar a minha fé;
Nem já me alegra, porque
O susto prohibe o gosto.

Mas em fim, fique vencido
Do susto o cruel rigor;
Fique nas aras de Amor
O respeito consumido:
Já corro a Marcia, atrevido
Lhe declaro o meu desejo;
O estado, em que me vejo,
Lhe direi sem confusão;
Porque de meu coração
O Amor desterra o pejo.

XV.

Bem a meu pezar conheço
Se mudou a Natureza;
Ha nos homens inconstancia,
Ha nas mulheres firmeza.

GLOSA.

ESTes Numes, que adorâmos
Pela ordem do Destino,
De que o jugo, meu Josino,
Tão gostosos supportâmos;
Não merecem que façamos
De seus dons tão alto apreço:
São mudaveis com excesso,
Não tem fé, nem lealdade;
Inda mal que esta verdade
Bem a meu pezar conheço.

Sim;

Sim, as tyrannas só querem
Zombar dos nossos gemidos;
E quando nos vem rendidos,
Então mais crueis nos ferem:
De que os homens desesperem
Faz timbre a sua belleza;
Se huma houver só com firmeza,
Com pura fé permanente,
Assentemos fixamente,
Se mudou a Natureza.

Com arte, e maneiras bellas
Do nosso extremo se queixão;
E então as falsas nos deixão,
Quando morrêmos por ellas:
Jurâmos de aborrecêllas,
Cheios da maior constancia;
Mas mal hum ai, huma ancia
Vão fingidas exhalando,
Já as crêmos; e he só quando
Ha nos homens inconstancia.

Sim,

Mas Josino, nós devemos
Adorallas, porque o Fado
As dotou de hum terno agrado,
Do qual fugir não podêmos:
Nellas embora adoremos
Todo o poder da belleza;
Mas ha de ser na certeza
De hum injusto galardão;
Porque, meu Josino, não
Ha nas mulheres firmeza.

XVI.

De desgosto, e pranto cheios,
Tiónio, os meus dias são;
Dize-me, se sabes, quando
Meus prazeres tornarão?

GLOSA.

DEsde quando o Amor, e o Fado
De Marfida me apartárão,
A' tristeza me entregárão
Neste sitio á luz vedado:
Sem ver o meu bem amado,
Sombras vans, espectros feios,
São os meus fataes recreios;
Tenho os olhos com firmeza
Sempre fitos na Tristeza,
De desgosto, e pranto cheios.

Mostra me o pállido Nume
Do meu bem doces lembranças;
Mortas minhas Esperanças
A's mãos do cruel Ciume:
» Contra ti o férreo gume
» Vibrará a Morte em vão:
(Me diz) » Longa duração
» Teráõ tuas agonias;
» Has de viver, que os teus dias,
» *Tiónio, os meus dias são.* »

Desesp'rado, entregue á dor,
Que o peito me despedaça,
Môrdo os ferros da desgraça,
Tréme a Tristeza de horror:
Suspende (grito) o furor!
Dize-me, Nume execrando,
Se os males, que estou penando,
Hão de ter fim venturoso.
Quando hei de ser ditoso?
Dize-me, se sabes, quando?

A cruel a mim se avança
Entre alaridos, e ais;
Me diz: „ Tiónio, jámais
„ O teu mal terá mudança..! „
Eu morrêra; mas a Esp'rança
Me diz terna ao coração;
Que os meus males fim terão
Em vendo Marfida bella;
Que a meu peito, só com vêlla,
Meus prazeres tornaráõ.

XVII.

XVII.

Amor as setas dispara,
Com ellas fere o meu bem;
Padeça, como eu padeço,
Chore, que eu choro tambem.

GLOSA.

VIngança, Amor; Nize bella
Contra as tuas leis me mata;
Não tem dó de mim a ingrata,
Vendo-me morrer por ella:
Quando intento commovêlla,
Risonha o meu mal encara;
C'os rigores, que prepara,
Procura vencer-te ufana;
Contra o peito da tyranna,
Amor as setas dispara.

Toma aquellas fabricadas
Com teus ardentes suores,
Que dos Numes superiores
Forão com temor beijadas:
Toma, emfim, as que provadas
Diamantinas pontas tem;
Tyrannos golpes lhe dêm;
E se ainda te resiste,
Toma as com que me feriste,
Com ellas fere o meu bem.

Entre chammas palpitando
Veja o fero coração;
Arraste o duro grilhão,
Que eu triste vou arrastando:
Conheça então suspirando,
Que o seu rigor não mereço;
Inda mais vinganças peço:
Soffra o mal, em que deliro,
Suspire, como eu suspiro,
Padeça, como eu padeço.

Che-

Chegue a teu altar tremendo;
Veja em confusão, e horror
Nas tuas chammas, Amor,
O meu coração ardendo:
Se á ternura não cedendo,
Inda ostenta o seu desdem,
Lança, Amor, lança o meu bem
Sobre o mesmo fogo activo:
Viva afflicta, como eu vivo,
Chore, que eu chero tambem.

XVIII.

De que me servem sem ti
Os bens, que a fortuna dá?
Sem elles vive o que he pobre;
Mas sem ti quem vivirá?

GLOSA.

SOnhei que mil bens gozava
Longe de ti, bem amado;
Que em aureo throno elevado,
A' Fortuna leis dictava:
Quando na gloria, em que estava,
Bella Marcia, te não vi,
Louco do throno desci,
Gritando: Vem por piedade!
A Grandeza, a Magestade
De que me servem sem ti?

Temendo verificado
Quanto a idéa me figura,
Entre as garras d'amargura
Eu clamava ao Ceo irado:
Dai-me o meu pobre cajado,
O sceptro deponho já;
Aonde o meu bem está
Me levai por compaixão;
Sem o meu bem nada são
Os bens que a fortuna dá.

Luctando com mil temores,
Rompi de Morfeo o laço;
Eis acordo no regaço
De teus mimosos favores:
Que dons, que bens superiores
Goza alli minha alma nobre!
São nada os bens, que o Sol cobre,
Embora o Ceo mos esquive:
Se o rico com elles vive,
Sem elles vive o que he pobre.

Mas a Ventura enganar-me,
Bella Marcia, pertendia;
A invejosa só queria
De teus olhos apartar-me:
Que póde a Fortuna dar-me,
Se Amor tudo em ti me dá?
Com seus bens que me fará?
Mais feliz? Não póde ser.
Sem elles posso eu viver;
Mas sem ti quem vivirá?

XIX.

Ao Numen dos Amadores
Pedi junto á sacra pyra,
Que em premio de amar me désse
O coração de Tamira.

GLOSA.

COm o coração partido,
Duros grilhões arrastando,
Já com a Morte luctando,
Cheguei ao Templo de Gnido:
Entro o Atrio desabrido,
Palpando espantos, e horrores;
Soffrendo infernaes ardores,
Nas garras d'impio tormento;
Neste estado me apresento
Ao Numen dos Amadores.

Vê-me o Nume, e de ternura
As faces de pranto alaga;
Protesta, em quanto me affaga,
Fabricar minha ventura:
Terno, meigo, com doçura,
Do peito os farpões me tira;
Diz-me, peça o que pedira,
Quem ser feliz desejasse:
Que Tamira me entregasse,
Pedi junto á sacra pyra.

Mal o nome proferi
Da minha Tamira bella,
Qual turba os Ceos a procella,
Turbar seu semblante vi:
Resoluto então pedi,
Que a meus males fim pozesse;
Que, emfim, de mim dispozesse,
Que a Morte, ou Tamira esp'rava;
E outros bens não desejava,
Que em premio de amar me désse.

Seu fero olhar mal sustive,
O fogo a seus olhos corre;
Vacilla, quiz dizer morre,
Emfim me diz: » Ama, e vive:
» Não permitta o Ceo te prive
» De hum bem, que por ti suspira:
» Prova a dor, que o dom me inspira,
» O pranto, com que o chão rego;
» Dou-te o meu bem, já te entrego
» *O coração de Tamira.* »

XX.

O meu coração me diz,
Quando palpita em segredo,
Que comtigo tarde, ou cedo
Hei de vir a ser feliz.

GLOSA.

DE despojos carregado,
Com duros grilhões cingido,
Chego ao Templo desabrido
Do tyranno Deos vendado:
Acceitar o Nume irado
Meus sacrificios não quiz;
Manda que saia infeliz,
Que do meu bem desespere;
Saio emfim; porém que espere,
O meu coração me diz.

Que talvez veja piedosa
Marcia cruel algum dia;
Trocar sua tyrannia
Em pura fé amorosa;
Que a bella Marcia mimosa
Me fará feliz bem cedo;
Que emfim se abranda hum rochedo:
E tu he a consolação,
Que me dá meu coração,
Quando palpita em segredo.

Ella he realidade,
Bella Marcia, certamente
O meu coração não mente,
He nutrido da verdade:
Deixa hum pouco a crueldade,
E pergunta-lhe em segredo;
Com quem, te diga sem medo,
Eu serei feliz, e quando?
Ouve o que diz palpitando,
Que comtigo tarde, ou cedo.

Jágora o tyranno Amor
Novos martyrios invente;
Eu juro viver contente,
A pezar do seu rigor:
Huma esp'rança superior
Alentar minha fé quiz;
Pouco importa que infeliz
Veja agora a minha estrella,
Se eu sei que com Marcia bella
Hei de vir a ser feliz.

XXI.

Escreveo a feia Morte
Com longos dedos mirrados
No livro dos infelizes
Os meus dias desgraçados.

GLOSA.

MAl nasci, o negro Fado
Disse á Morte, e á Desventura:
„ Será esta creatura
„ O mortal mais desgraçado!
„ Já o tenho decretado,
„ Escrevei lhe a infausta sorte. „
Eis-que em hórrido transporte,
No livro fatal, que abrio,
Quanto o Fado proferio
Escreveo a feia Morte.

Entre tormentos mortaes,
Gerados no Averno horrendo,
Vou crescendo, e vão crescendo
Os meus martyrios fataes:
São por Furias infernaes
Os meus dias vigiados;
Se intento mandar aos Fados
Ais, que a compaixão provocão,
Na garganta mos suffocão
Com longos dedos mirrados.

Té que Amor, Amor piedoso,
Do meu mal compadecido,
Me diz: » Tiónio querido,
» Hoje te hei de ver ditoso:
» Sou mais que os Fados pod'roso,
» Praz-me que suas leis pizes;
» Se eu quero, faço felizes
» A quantos milhões de afflictos
» Tem os seus nomes escriptos
» *No livro dos infelizes.* »

Eis

Eis me mostra Marcia bella,
A quem feliz me prendeo;
Em tal gloria me par'ceo
Ter vencido a minha estrella:
Porém logo, ao bem de vêlla,
Vi cumprida a lei dos Fados;
Mandão, contra Amor irados,
Saia o ciume do Inferno,
Que consuma em fogo eterno
Os meus dias desgraçados.

XXII.

XXII.

Ainda depois de morto,
Debaixo do frio chão,
Acharás teu nome escrito
Dentro do meu coração.

GLOSA.

COnstancia, Numen Sagrado,
Amparem-me as tuas aras;
O Mortal, que tu amparas,
Não póde ser desgraçado:
Ante ellas o Tempo ousado
A foice depõe absorto;
Com teu divino conforto,
Sem que das glorias se prive,
O Varão constante vive,
Ainda depois de morto.

Quan-

Quantos Heróes offrecêrão
Cultos sobre teus altares,
Que entrárão teus santos lares,
Eternamente vivêrão:
C'o as virtudes, que exercêrão,
Tem eterna duração;
Morreo o grande Catão,
Mas vive em nossa memoria;
Não se esconde a sua gloria
Debaixo do frio chão.

Só tu, ímpio, que o infame
Carro do engano arrastas;
Que mais da Razão te affastas,
Por mais que a Razão te chame:
Quando o teu peito derrame
Desesp'rado o final grito,
Vagando confuso, afflicto
Sobre o Lethes somnolento,
No livro do esquecimento
Acharás teu nome escrito.

Mas tu, Heróe, que venceste,
E calcaste o vicio horrendo,
As virtudes exercendo
Teu nome immortal fizeste:
Constancia, tu, que podeste
Dar-lhe eterna duração,
Se do teu facho ao clarão
Eu seguir tão nobre exemplo,
Protesto erigir-te hum templo
Dentro do meu coração.

XXIII.

Se queres achar venturas,
Triste pensamento meu;
Não habitão sobre a terra,
Tem alto assento no Ceo.

GLOSA.

INquieto pensamento,
Deixa-me emfim respirar;
Cançado estou d'elevar
Altas torres sobre o vento:
Se he que hum são contentamento
Desvelado achar procuras,
Deixa o valle de amarguras,
Pela Morte bafejado;
Sóbe ao Empyreo sagrado,
Se queres achar venturas.

Vôa pelos ares densos,
Rompe as hórridas procellas;
Sóbe acima das estrellas,
Corta os espaços immensos:
Chega, onde chegão incensos,
Que o Justo ao Eterno rendeo;
Rasga da cegueira o véo,
E com espanto profundo
Lança os olhos sobre o mundo,
Triste pensamento meu.

Vê, se o prado hoje florece,
A' manhã o inunda a cheia!
O bem, que hoje nos recreia,
A' manhã desapparece:
O que hoje paz nos offrece,
A' manhã nos move guerra:
Busca quanto em si encerra
Este Globo, em que deliras;
Verás que os bens a que aspiras,
Não habitão sobre a terra.

Mas quanto já sou ditoso!
Do mundo o fatal engano
Me fez ver o Desengano
Com seu facho luminoso:
Buscava Amor; o mimoso
Prazer, que ao mundo desceo;
Vejo que a face escondeo
A' terra ingrata, e traidora!
Já o achei, sei onde mora,
Tem alto assento no Ceo.

XXIV.

Vôa, Amor, busca a morada,
Onde o meu bem habitar;
Sobre o seu candido peito
Vai mil suspiros lançar.

GLOSA.

JÁ vejo o gesto espantoso
Da Parca horrenda, e funesta!
Só hum momento me resta,
Em que posso ser ditoso:
Esta gloria, Amor piedoso,
Seja por ti fabricada;
Deixa o arco, e a seta hervada,
Dá-me o ultimo soccorro;
De Marilia, por quem morro,
Vôa, Amor, busca a morada.

Qual o raio rompe os ares;
Vôa, Amor; e de repente
Vai a pousar diligente
Sobre os seus divinos lares:
As virtudes singulares,
Que habitão sacro lugar,
Affaveis te hão de guiar,
Cheias de ternura, e agrado,
Ao lugar afortunado,
Onde o meu bem habitar.

Leva-lhe, Amor, por piedade,
Este meu final suspiro,
Que gerou neste retiro
A minha ardente saudade:
Pinta-lhe a fidelidade,
Com que a amei; e com respeito,
Chegando-te ao casto leito,
Onde ditosa descança,
O meu suspiro lhe lança
Sobre o seu candido peito.

Busca me então nos horrores
Dos mausoléos lastimosos,
Onde repousão ditosos
Os que morrêrão de amores...!
Vem c'o a turba de Amadores,
Que cruza d'Idalia o ar;
E depois de prantear
Meus extremos sem ventura,
Sobre a minha sepultura
Vai mil suspiros lançar.

XXV.

Dormindo estava sonhando
Que me morrias, meu bem;
Acordei, pedindo a Amor
Que me matasse tambem.

GLOSA.

QUando o piedoso Morfeo,
Protector dos desgraçados,
Sobre os meus olhos cansados
Estendia o denso véo:
Eis vejo enlutar-se o Ceo,
Bravas procellas formando,
Chuvas, e raios vibrando;
D'agoas serra sobre serra
Que intentão sorver a terra,
Dormindo estava sonhando.

Eu, Marcia, em tantos horrores,
Demando a nado a espessura;
Testemunha da ternura
De nossos fidos amores:
Não te encontro; meus clamores
Já éco cansada tem;
Não me responde ninguem!
Só o mal, que vai crescendo,
Entre o horror me está dizendo,
Que me morrias, meu bem.

Então grito, ó Deos vendado,
Se não és hum deos sanhudo,
Morra eu, perca-se tudo;
Mas salva-me o bem amado:
Seja eu só o desgraçado,
Que do Ceo sinta o furor:
Assim fallo; e este favor,
Já vendo da Morte o aspeito,
Encruzando as mãos ao peito,
Acordei, pedindo a Amor.

Mal acordo, o Deos vaidoso
De minha fé extremosa,
Jura pela Mãi formosa
Dar-me hum premio o mais ditoso:
Já de hum sorriso mimoso
Pendente o meu premio tem;
Manda á Morte emfim, meu bem,
Que já mais nos desunisse;
Que ao ponto que te ferisse,
Que me matasse tambem.

XXVI.

O meu coração de zelos
Sinto já desfalecer;
Acabárão-se os meus dias,
Ninguem me póde valer.

GLOSA.

VElha Maga em pranto, e dor,
Predisse ao ver-me nascer,
Que eu nascia para ser
Triste victima de Amor;
Que eu gozaria o favor
De huns divinos olhos bellos;
Mas que o receio de vêllos
Fazer feliz outro Amante,
Ralaria a todo o instante
O meu coração de zelos.

Vou crescendo; e apenas chego
A ver ao longe a razão,
Quando de meu coração
Tomou posse o Numen cego:
Robou-me a paz; o socego,
O innocente prazer;
Sinto então o peito arder,
E de Amor na chamma ardente
Meu coração innocente
Sinto já desfalecer.

Então, com laços mimosos,
Amor me conduz ao Templo:
» Tu serás (me diz) o exemplo
» Dos meus Escravos ditosos! »
Vejo troféos horrorosos,
Crueldades, tyrannias:
Entre mortaes agonias
Conhecendo o fero engano,
(Gritei) Eu morro, tyranno..!
Acabárão-se os meus dias.

Nos meus ardentes desvelos
Me torna Amor com transporte:
„ Não vês Nize? A tua sorte
„ Tem nos lindos olhos bellos. „
Mal a vejo, ás mãos dos zelos
Eis que me sinto morrer...!
Cumprido então chego a ver
O vaticinio enlutado;
Clamo em vão a Amor, ao Fado:
Ninguem me póde valer.

XXVII.

XXVII.

Amor he alma da vida,
Coração da Natureza;
Doce imperio da Belleza,
Porção d'alma desunida.

GLOSA.

HE hum bem, ó Marcia, Amor,
Que do Ceo á Terra veio;
He huma porção do Seio
Do Universal Creador:
Sem elle a obra do Author
Ficaria confundida;
A Natureza opprimida
No cahos horrendo gemêra;
Sem Amor ninguem vivêra,
Amor he alma da vida.

Os

Os effeitos da ternura
Nossos peitos não sentírão;
Nem os campos se vestírão
Da matizada verdura:
A raivosa féra dura
Jámais domára a fereza;
Nem se escutára a belleza
D'avezinha terna, e doce,
Se o mimoso Amor não fosse
Coração da Natureza.

Para que Amor nos dictasse
De suas leis a brandura,
Jove mandou á Natura
Que alto sólio lhe elevasse:
Que hum Imperio lhe formasse
Digno da sua grandeza:
Obedece a Natureza;
Eis colloca o Nume alado
No temído, quanto amado,
Doce Imperio da Belleza.

He d'alli que huma porção
Tira d'alma; e venturosa
A une em prisão mimosa
Ao mais terno coração:
Depois q[illegible] nesta união
Aos Entes todos dá vida,
Não socega, ó Marcia, lida,
Incansavel se desvela,
Só para não ver aquella
Porção d'alma desunida.

XXVIII.

Defender os Patrios lares,
Dar a vida pelo Rei,
He dos Lusos valorosos
Caracter, costume, e lei.

GLOSA.

SEmpre, ó Lusos, triunfámos,
Vencendo imigas Falanges,
Desde o Téjo, além do Ganges,
As sacras Quinas levámos:
Dos grandes Avós herdámos
Influxos tão singulares;
Se elles eternos altares
Tem da Memoria no templo,
Devemos a seu exemplo
Defender os Patrios lares.

Sim,

Sim, ó Lusos denodados,
Que a sacra promessa alenta,
Ouvi a voz, que rebenta
D'entre os túmulos honrados:
» A's armas, filhos amados! »
(Nos grita) » O que eu fiz, fazei:
» Se o Nome immortal ganhei,
» Foi preciso em dura guerra
» Tingir de meu sangue a terra,
» *Dar a vida pelo Rei.* »

Ao som desta voz corramos
A' Victoria que nos chama;
Somos dignos de honra, e fama
Quando o sangue á Patria dâmos:
Somos heróes, se imitâmos
Os grandes Heróes famosos:
Que o Ceo nos quer venturosos,
Que hum Deos zela a nossa gloria,
He de fé! Logo a Victoria
He dos Lusos valorosos.

Alça, ó Lysia, a fronte altiva,
Calca aos pés o frio susto;
Tremerá teu Sólio augusto,
Quando hum só Luso não viva!
O nosso bem se deriva
Do Pai da Patria, do Rei.
Sou Luso, e com gloria sei,
Que ha de ser a lealdade
Dos Lusos em toda a Idade
Caracter, costume, e lei.

XXIX.

'Stava agora imaginando
Quão veloz o tempo passa!
Quanto he breve huma ventura;
Quanto he longa huma desgraça.

GLOSA.

COmo está amêno o prado!
Como, ao som deste ribeiro,
Responde lá do salgueiro
O rouxinol namorado!
O arbusto, de Amor guiado,
Vai outro arbusto abraçando:
Ah! Que ao ver zéfyro brando
Affagar as lindas flores,
No meu bem, nos meus amores
'Stava agora imaginando.

E ha de huma alma superior,
Dos ethéreos dons lustrosa,
Não gozar os bens que goza
Hum arbusto? Oh Ceos, que hôrror!
Elle, guiado de Amor,
Terno o caro bem abraça;
E ha de hum bem, q̃ a alma me enlaça,
Por vão capricho feroz,
Fugir de mim tão veloz,
Quão veloz o tempo passa?

Eu fui para amar creado,
He por lei que eu devo amar;
Este dom tão singular
Por Jove não me foi dado?
Se eu sou hum Ente elevado
Sobre toda a creatura,
De que me serve a luz pura
Da Razão, que honra o meu ser?
He só para conhecer
Quanto he breve huma ventura!

Mas eu te adoro, ó Razão;
Por ti eu sou venturoso;
He por ti que amo ditoso
De Marilia a perfeição:
Deste bem a duração
Não temo o Tempo desfaça;
Comigo aos Elysios passa,
Onde em Glória permanente
Nem se sabe, nem se sente
Quanto he longa huma desgraça.

XXX.

A mais heroica fineza
Que pena deve escolher:
Se ver morta a prenda amada,
Se vêla em outro poder.

GLOSA.

TRiunfou o meu rival,
A Sorte nos foi funesta;
He, meu bem, quanto nos resta,
Este braço, este punhal:
Do seu triunfo fatal
Não serás infausta prêza;
Temos Amor, e firmeza,
O tyranno envergonhemos;
Sim, meu bem; ah! Completemos
A mais heroica fineza.

De sacrificio tão rude
Serás, meu bem, o penhor..!
Morre emfim..! Mas não, que Amor
Manda á ternura te escude:
Vai, guiada da Virtude,
O bárbaro enternecer...!
Porém não... antes morrer..!
Minha alma c'o inferno luta,
E não sabe irresoluta
Que pena deve escolher.

Mas trema emfim o Inimigo;
Zombemos delle, meu bem;
Morre ditosa: eu tambem
Passo aos Elysios comtigo.
Sombra pura, eu já te sigo..!
Lá sobre a ethérea morada
Veremos, ó Sombra honrada,
Qual nos fôra hum mal peior,
Se ver feliz o traidor,
Se ver morta a prenda amada.

Eis

Eis vibra o punhal fumante
Do sangue do bem querido;
Tendo-o no peito embebido,
Grita o semivivo Amante:
Se a lagrimas, Caminhante,
O meu caso te mover,
Dize, que havias fazer?
(Este bem se me consinta)
Se ver tua amada extincta,
Se vêlla em outro poder.

XXXI.

XXXI.

Quando o coração se prende
Nos laços de Amor perfeito,
Já não goza liberdade,
Dá pulos dentro do peito.

GLOSA.

MArcia, manda o Ceo, q̃ amemos;
Quanto he doce a lei de amar!
E de tanto bem privar
Nossos corações devemos?
E ainda os não prenderemos
Nos laços, que Amor estende?
Quem não ama, os Ceos offende;
Toda a gloria de hum Amante
Géra Amor n'aquelle instante,
Quando o coração se prende.

Sim,

Sim, Amor em tudo impera;
He por virtude de Amor,
Que huma flor ama outra flor,
Que huma féra ama outra féra:
Ser feliz debalde espera
Quem não vive a Amor sujeito;
Só goza hum bem satisfeito,
Sem temer que o Ceo lh'o prive,
Quem prezo c'o seu bem vive
Nos laços de Amor perfeito.

Ou mente, Marcia, ou delira,
Quem diz, que Amor com grilhões
Nos captiva os corações,
E a liberdade nos tira:
Prende, sim; mas bens inspira,
Praz á sua divindade,
Que quem com fidelidade
Seus grilhões vai arrastando,
Respire mais livre quando
Já não goza liberdade.

Ama,

Ama, bella Marcia; eu amo,
Já sou feliz, sou amante;
Desde que vi teu semblante,
No mais puro ardor me inflammo:
Ah! No pranto, que derramo,
Vê de Amor o doce effeito..!
Meu coração satisfeito
Com o bem, que Amor lhe deo,
Na gloria de ser já teu,
Dá pulos dentro do peito.

XXXII.

XXXII.

O veneno do ciume
Já principia a lavrar;
Entre pungentes suspeitas
Vou morrendo de vagar.

GLOSA.

ENtrei no Templo de Amor:
Que fataes, que horriveis lares!
Vagão ante seus altares
A Morte, a Raiva, o Terror.
» Do que vês, terno Amador,
» Não te espantes! (Grita o Nume)
» Para chegares ao cume,
» Que marca o termo á desgraça,
» Bebe nesta férrea taça
» *O veneno do ciume.* »

Bebo, e com ancia mortal,
Vans suspeitas, entre laços,
Mostrão-me o meu bem nos braços
De meu ditoso rival:
Do Averno Furia lethal
Vem os meus ais abafar;
Quero, e não posso acabar!
Tal he do veneno o effeito,
Que pouco a pouco em meu peito
Já principia a lavrar.

Então grito: ó Deos vendado,
Dize-me, ou tira-me a vida,
Se a minha Marcia querida
Tem a pura fé manchado?
Pelo teu farpão sagrado,
Com que o grão Jove sujeitas;
Pelas prisões, que nos deitas
Com terno, e doce transporte,
Não me deixes desta sorte
Entre pungentes suspeitas.

Assim fallo; e o Deos vaidoso
Me diz, cheio de jactancia:
„ Ama, e pena; tem constancia,
„ Que inda te has de ver ditoso!„
Então grito: ó Deos piedoso,
Quero constante penar.
Se para o meu bem gozar,
He preciso que eu padeça,
Não quero morrer depressa,
Vou morrendo de vagar.

XXXIII.

XXXIV.

Pelos teus olhos eu dera
Estes tristes olhos meus;
Eu não vi na minha vida
Tão bons olhos, como os teus.

GLOSA.

AH Nize! Se o Ceo benigno
Sobre mim seus dons lançasse;
Se hum aureo sceptro empunhasse,
Se me affagasse o Destino;
Hum dom de off'recer-te digno
Inda assim eu não tivera:
Vendo-me em tão alta esfera,
Com rendida adoração,
Só meu fido coração
Pelos teus olhos eu dera.

Meu coração, que por ti
Supporta o mais vivo ardor,
Que sobre as aras de Amor
Tão constante te offreci;
Que desde quando te vi,
Jurou pelos olhos teus,
Que em quanto o vendado Deos
Teu rigor não applacar,
Ha de de pranto inundar
Estes tristes olhos meus.

Ah! Quanto sou desgraçado!
Nize, meu amor não crê:
Duvída d'ardente fé,
Em que me vê abrazado!
Protegei-me, ó Ceo sagrado;
Fazei ver Nize querida,
Que a santa pyra, erigida
A' Verdade, eu não profano;
Que a horrenda face do Engano
Eu não vi na minha vida.

Mas que suave mudança
Desfaz minha dor violenta!
Qual á horrida tormenta
Dissipa a doce bonança!
Já Nize terna se avança;
Já premeia os votos meus!
Vem, Nize, mimo dos Ceos..!
Para serem rigorosos,
Não fazem os Ceos piedosos
Tão bons olhos, como os teus.

XXXV.

Ao Mortal deo Jove a voz,
Para exprimir o que sente;
O Amor explica tudo
C'hum mover d'olhos sómente.

GLOSA.

HE possivel, Ceo potente,
Que por lei eu deva amar,
E por lei deva callar
A paixão, que o peito sente?
Se amar Jove nos consente,
Como póde ser em nós
O fallar hum crime atroz?
Se o fallar delicto he,
Não sei, ó Ceos, para que
Ao Mortal deo Jove a voz.

Com a voz meu puro ardor
Póde meu bem conhecer;
Por ella eu podia obter
Justo premio ao meu amor;
Mas se da lei o rigor
Que falle me não consente,
Ai! Piedade, ó Ceo clemente,
Dizei-me por compaixão:
Que fará meu coração,
Para exprimir o que sente?

Mandará aos densos ares
Mil suspiros delirante?
Regará o meu semblante
De lagrimas a milhares?
Do Respeito nos altares
Será holocausto mudo?
Coração, rompa-se o escudo
Da lei, porque estás penando:
Falla, coração: fallando,
O Amor explica tudo.

Todos os Deoses amárão;
E do seu poder despidos,
A' face de Amor rendidos,
Suas paixões declarárão:
Para o bem obter, fallárão;
Jove exprimio ternamente
Ao seu bem a chamma ardente:
Fallou, pedio com ardor;
Não gozou os dons de Amor
C'hum mover d'olhos sómente.

XXXVI.

XXXVI.

Huma mulher, como eu,
Quando a querer se aventura,
Se quer a primeira vez,
Não torna a querer segunda.

GLOSA.

HE, Marilia, o meu ciume
Do mais puro Amor nascido..!
» Ah! Suspende o desabrido,
» Barbaro, cruel queixume:
» Diga Amor, que em doce lume
» Nossos peitos accendeo,
» Se houve em todo o Imperio seu
» Hum Amante, que adorasse,
» Ou que tão constante amasse
» *Huma mulher, como eu?* »

Eu vencêra o devorante
Ciume, que me desvela,
Se tu não fôras tão bella,
Se eu não fôra tão amante:
Mas temer a cada instante
Mudanças da Sorte dura,
Duvidar da fé mais pura:
Esta a triste condição
Do mais fido coração,
Quando a querer se aventura.

Perdão, Marilia, piedade!
Commôva-te a compaixão
Ver penar hum coração
Todo amor, todo amizade;
Que nas aras da verdade,
Com constante intrepidez
Tão puros votos te fez;
Parece, meu bem amado,
Que deve ser perdoado,
Sequer a primeira vez.

Façamos, Marilia, as pazes,
Gozando em doce união,
Ternos prazeres, que são
Das nossas almas capazes:
Veja a turba dos sequazes
Da Inconstancia, e se confunda!
Que quem sua gloria funda
Em ser firme até morrer,
Se huma vez chega a querer,
Não torna a querer segunda.

XXXVII.

XXXVII.

De que me serve ter sido
Da ventura tão mimosa,
Se me faz mais desgraçada
O ter sido venturosa?

GLOSA.

POr mais que Amor atirava
Contra Anarda, que dormia,
A seus pés quebradas via
Quantas setas disparava:
Desesp'rado rompe a aljava;
Venus chama enfurecido.
„ Mãi (lhe diz), estou perdido!
„ Se não venço o seu rigor,
„ Tantas vezes vencedor
„ *De que me serve ter sido?* „

„ Vin-

„ Vingança, Mãi dos Amores,
„ Contra Anarda, que me mata;
„ Vencidos aos pés da ingrata
„ Vê meus ferreos passadores;
„ Abraze-se nos ardores
„ Da voraz chamma amorosa;
„ Na prisão mais rigorosa
„ Seu ingrato peito veja:
„ Só assim talvez não seja
„ *Da ventura tão mimosa.* „

„ Filho amado, enxuga o pranto;
(Diz-lhe a Mãi enternecida)
„ Eu nada posso! Rendida
„ Já me tem seu doce encanto:
„ Mas tu não sabes o quanto
„ Merece ser adorada!
„ Inda quando a vejo irada
„ Contra mim, 'stou duvidosa,
„ Se então me faz mais ditosa,
„ *Se me faz mais desgraçada.* „

„ Fo-

» Foge, Amor, vôa ligeiro;
» Que se acorda Anarda bella,
» Filho, morrerás por ella,
» Ficarás seu prisioneiro:
» Foi o seu peito o primeiro
» Livre da chamma amorosa;
» Esta isenção poderosa
» Só ella dos Ceos obteve;
» A's suas virtudes deve
» *O ter sido venturosa.* »

XXXVIII.

XXXVIII.

Quem ha que não se enterneça?
Quem piedade, oh Ceos não tem
Dos transportes d'alma afflicta
Que se aparta do seu bem?

GLOSA.

MOrtaes, conhecei Amor.
He por lei do fementido
Que da triste, afflicta Dido
Se affasta Enéas traidor;
Lá de Abydo o Nadador
Faz que nas ondas pereça;
Findo hum mal outro começa,
Troia cahe, arde Carthago:
A' vista de tanto estrago,
Quem ha que não se enterneça?

Não contente o cégo Nume
De seu jugo fero, e duro,
Baixa sobre o Averno escuro,
Comsigo traz o Ciume;
Com elle a tudo consume;
Arma hum bem contra o seu bem,
Faz que á raiva cultos dem,
Em ais, em ancias, em brados:
De ver tantos desgraçados
Quem piedade, oh Ceos, não tem!

No seu Templo em abandono
Vagão milhares d'Amantes,
Crava punhaes penetrantes
Em mil corações sem dono:
Do soberbo, férreo throno
As leis mais cruentas dicta;
Se hum amante afflicto grita,
E com ais o quer mover,
Folga, e ri-se de prazer,
Dos transportes d'alma afflicta.

Ten-

Tendes visto em pranto, e dor
As victimas desgraçadas,
Que palpitão immoladas
Sobre os altares d'Amor?
Pois tem inda hum mal maior,
Qual do Baratro não vem,
Em si todo o mal contem:
He a dor d'hum fido amante
Naquelle fatal instante
Que se aparta do seu bem.

XXXIX.

XXXIX.

Não tenho grossos rebanhos
Que a teus pés possa offertar;
Tenho huma alma, se a quizeres:
He quanto te posso dar.

GLOSA.

HUm sorriso da Ventura
Jámais, Anfrisa, alcancei,
Eu sempre infeliz banhei
De meu pranto a terra dura.
Do desgosto, e da amargura
Nascem os meus pobres ganhos;
Pelos influxos estranhos
De ímpias estrellas malinas,
Não tenho vastas campinas
Não tenho grossos rebanhos.

D'al-

D'altas victorias o louro
Thronos, Sceptros, vãas grandezas
São da Ventura a riqueza,
Que enchem seu fatal thesouro;
Altas salas, tectos d'ouro,
He quanto nos póde dar:
E hei de a Ventura adorar?
Não, Anfriza, ella não tem
Em todos seus bens hum bem
Que a teus pés possa offertar.

Eu sim, no mar da pobreza
Em que naufrago fluctuo,
Huma victima possuo
Digna de tua belleza;
Outra que a exceda em pureza,
Bella Anfriza, não esperes.
Se com mimo a receberes,
Se o sacrificio aceitares,
Para pôr em teus altares
Tenho huma alma se a quizeres.

Nella, minhà Anfriza bella,
Os mais altos bens estão,
Ella anima hum coração
Que he tão puro como ella:
Vê como palpita, e anhella
Sobre o teu divino altar;
Mais não te posso offertar.
Minha alma he hum dom do Ceo:
Dou-te quanto elle me deo,
He quanto te posso dar.

XXXIX.

Vi a dura lei de Amor,
Com que receio a fui ler!
Manda que viva morrendo,
Sem acabar de morrer.

GLOSA.

HOje, bella Marcia, entrei
No Templo do Deos de Gnido;
Ante o Numen desabrido
Constante fé te jurei:
N'ardente pyra toquei,
Sem ver a face ao temor;
Mas perdi todo o valor,
Senti o sangue gelar-se,
Apenas executar-se
Vi a dura lei de Amor.

Mil Amantes deliravão
A's mãos do cruel ciume;
Outros maldizendo o Nume,
Sobre as chammas se lançavão:
Debalde os ais, que atroavão,
Amor pertendem mover;
Elle cheio de prazer,
Manda-me lêr, sem detença,
A minha fatal sentença:
Com que receio a fui lêr!

Condemna-me Amor irado
A viver sempre em tormento;
Castigo do atrevimento
De te haver, Marcia, adorado:
Quer que eu viva desgraçado,
Os teus desprezos soffrendo;
Quer que do ciume horrendo
Eu sinta o golpe fatal!
E por não ter fim meu mal,
Manda que viva morrendo.

Emfim, sou réo por amante!
Beijo a mão, que me condemna;
Mil vezes feliz a pena
Pela culpa de adorar-te:
Como eu possa idolatrar-te,
Que me importa padecer?
Tenha eu a gloria de ver
O teu mimoso semblante,
Morra embora a cada instante,
Sem acabar de morrer.

XL.

Quando o Fado he rigoroso,
Nada vale ao infeliz;
Nunca ninguem alcançou
O que a Fortuna não quiz.

GLOSA.

NOs olhos da linda Isbella
Poz ufano o Deos vendado
O meu Destino, o meu Fado,
Minha Sorte, minha Estrella:
Meu coração tanto anhela
A hum seu volver piedoso,
Que arfando em glorias vaidoso
No peito, em que apenas cabe,
Elle não sente, nem sabe
Quando o Fado he rigoroso.

Mal que os lindos olhos move,
Com seu encanto divino
Lança grilhões ao Destino,
Empunha o Sceptro de Jove:
Próve o triste Amante, próve
De Amor os farpões subtis;
De huma, e outra cicatriz
Mil baldados ais exhale;
Que se Isbella lhe não vale,
Nada vale ao infeliz.

Quando em tormenta espantosa
A Fortuna em vão chamava,
Deo-me quanto me negava
A cega Deosa raivosa:
Minha procella horrorosa
Em doce calma tornou;
De mil glorias me coroou:
Tantos dons, tantos agrados,
Lá nos Elysios sagrados
Nunca ninguem alcançou.

Tem

Tem Isbella o superior
Imperio dos corações;
Já os buidos farpões
Lhe cedeo rendido Amor:
Templo d'eterno esplendor
Dentro em meu peito lhe fiz:
Ah! Quem quizer ser feliz,
Venha em meu peito adorar
Aquella que me quiz dar
O *que a Fortuna não quiz.*

XLI.

Sei que Amor nunca nos ha de
Perpetuamente ligar;
Não viviremos unidos,
Mas eu sempre te hei de amar.

GLOSA.

DEcretou o negro Fado
No férreo throno de horror,
Que dos Escravos de Amor
Eu fosse o mais desgraçado:
Tenho-te, ó Marcia, offertado
Em vão pura lealdade;
Por mais que Amor com vaidade
Nos têça ternas prizões,
Unir nossos corações
Sei que Amor nunca nos ha de.

Sou infeliz; e por mais
Que empenhe Amor seu poder,
Nunca poderá vencer
Os meus Destinos fataes:
Mando á Desgraça meus ais,
Ante o seu medonho altar;
Quando a pertendo applacar,
Jura pela Estyge feia,
Que me ha de a sua cadeia
Perpetuamente ligar.

Mas ha hum poder mais forte,
Que ha de vencer nossa estrella;
Sabes quem he, Marcia bella?
He quem vence tudo, a Morte:
Quando ao seu vencedor córte
Virmos os Fados rendidos,
Nós viviremos cingidos
Dos bens, que a Sorte nos nega;
Em quanto a Morte não chega,
Não viviremos unidos.

Póde o Destino apartar-me
De teus lindos olhos bellos;
Da gloria, e do bem de vêllos
Póde o tyranno privar me:
Mas não poderá roubar-me
A esp'rança de te gozar;
Póde raivoso assanhar
Contra o meu coração terno
As negras Furias do Inferno;
Mas eu sempre te hei de amar.

XLII.

XLII.

Não sei o que tem Amor,
Com fazer entristecer,
Que o peito, que o accommoda,
Não póde alegre viver.

GLOSA.

DEsde quando a Amor rendi
A innocente liberdade,
Nunca hum signal de piedade
No Tyranno conheci:
Mas desde que Anarda vi,
Despio o cruel rigor;
Terno, meigo, encantador,
Ora me chama ditoso,
Ora me affaga mimoso:
Não sei o que tem Amor.

Mas

Mas já sei, a discrição
Da gentil Anarda bella,
Não só venceo minha estrella,
Mas de Amor a condição:
Pôde no meu coração
Trocar a pena em prazer;
Té a Amor o peito encher
Ella pôde de alegria,
Peito, que só se nutria
Com fazer entristecer.

Vendo Amor minha ventura,
Se accommodou no meu peito,
Onde ao coração tem feito
Conhecer o que he ternura:
Vendo Anarda, me segura
Da Fortuna a infausta roda,
Occupa-me a alma toda;
Tanto, tanto cresce Amor,
Que inda parece maior
Que o peito, que o accommoda.

Fez-

Fez-me Anarda venturoso,
Ouvi seu canto divino,
Vi seu gesto peregrino,
Não posso ser mais ditoso:
Vós, que ao Destino horroroso
Vótos fazeis por obter
O suspirado prazer,
He baldada vossa empreza:
Quem não vê sua belleza
Não póde alegre viver.

XLIII.

XLIII.

Ditosa morada aquella,
Onde vive o meu Pastor;
Oh! Quem com elle vivêra,
Dando-lhe provas de Amor!

GLOSA.

DOces lares de ternura,
Sitio bemaventurado,
De quem me tem apartado
Feras leis da Sorte escura:
Era alli minha ventura
Nutrida por Marcia bella;
Tu sabes, ao bem de vêlla,
Quanto me era, Amor piedoso,
Aquelle sitio ditoso,
Ditosa morada aquella!

Alli Marcia encantadora,
O meu bem, Marcia formosa,
Terna, meiga, e carinhosa
Repetia a toda a hóra:
» Vai levar a quem te adora,
» Vãa Fortuna, o teu favor;
» Dá-lhe grandeza, esplendor,
» Thronos, sceptros, fausto altivo;
» Sou mais feliz quando vivo
» *Onde vive o meu Pastor.* »

Outras vezes reclinada
Sobre as venturosas flores,
Me dava, entre mil amores,
A beijar a mão nevada:
Outras clamava assustada:
» Numes da lúcida Esfera,
» Quem sempre viver podera
» C'o meu Pastor desta sorte;
» E inda para lá da morte,
» *Oh! Quem com elle vivêra!* »

Mais não pôde a Sorte escura
Soffrer meu feliz estado;
Arrancou-me desgraçado
D'entre os braços da Ventura:
Condemnou-me, por lei dura,
A soffrer d'ausencia a dor;
Mas eu, constante Amador,
Ao meu bem neste retiro
Darei o final suspiro,
Dando-lhe provas de amor.

XLIV.

Corre, Amor, vôa apressado,
Onde o meu bem habitar;
E sobre o seu lindo peito
Vai mil suspiros lançar.

GLOSA.

PElas Furias agitada,
Elisa pállida, e fria,
Os ermos paços corria
De Carthago incendiada:
Vendo ir-se alongando a Armada,
Em que, por ordem do Fado,
Seu doce bem lhe he roubado,
Ella exclama com furor:
„ A suspender o traidor
„ *Corre, Amor, vôa apressado.* „

„ Fal-

„ Fallo em vão, não me responde
„ De Amor o Nume cruento;
„ E o motor do meu tormento
„ A' minha vista se esconde:
„ Aonde, infeliz, aonde
„ Allivio posso encontrar?
„ Só tu, Morte, o podes dar;
„ Pois o viver me he penoso,
„ Longe do sitio ditoso,
„ *Onde o meu bem habitar.* „

Disse, e pegando na espada,
Unica prenda funesta,
Que do tyranno lhe resta,
No peito a embebe apressada:
Em rôxo sangue banhada,
Se lança no eburneo leito,
Outra hora ao prazer affeito,
Corria pranto copioso
Pelo rosto, inda formoso,
E sobre o seu lindo peito.

Eis da Parca sente o corte,
Entra n'hum frio tremor;
Segunda vez chama a Amor,
E lhe exclama desta sorte:
» A minha trágica morte
» Corre ao pérfido a contar;
» E para mais atterrar
» O meu barbaro assassino,
» Ante o seu rosto ferino
» *Vai mil suspiros lançar.* »

XLV.

Destes ditosos lugares,
Onde fica o coração,
A meus ternos ais responde,
Tão dignos de compaixão.

GLOSA.

ADeos, sitio venturoso,
Onde a Marcia fé jurei;
A Deos, tronco, em que lavrei
Seu nome caro, e mimoso.
Que te fiz, Amor piedoso?
Profanei teus santos lares?
Se ardi sempre em teus altares
Victima pura, innocente;
Porque mandas que me ausente
Destes ditosos lugares?

Tu,

Tu, que ao meu bem me prendeste
Entre os laços mais seguros,
E de dois corações puros
Hum só coração fizeste;
Na dura lei, que escreveste,
Tens hum funesto padrão:
Lá da minha solidão,
Os Zéfyros condoidos
Hão de trazer meus gemidos
Onde fica o coração.

Já entro a feia espessura..!
Salve, amiga escuridade,
Onde piedosa saudade
Minha fé constante apura:
De ti meus ais de ternura
Já éco conduz aonde
Por meu mal meu bem s'esconde;
Já de lá, compadecida,
Que a minha Marcia me he fida
A meus ternos ais responde.

Se-

Separados viveremos,
Farta em nós teu rigor forte;
Que, em chegando a cara Morte,
Nossas almas uniremos:
Inda has de ver os extremos
De meu puro coração,
Tão dignos de adoração,
Rindo da tua altivez,
Como ufano agora os vês
Tão dignos de compaixão.

XLVI.

XLVI.

Todo este monte não tem
Como Anfrizo outro Pastor;
Nem que tenha tanto amor,
Nem que saiba amar tão bem.

GLOSA.

EU sou, Marcia, o desgraçado
Anfrizo, aquelle Pastor,
Que sobre as aras de Amor
Tão pura fé te ha jurado:
Vê, cruel, vê em que estado
Me tem posto o teu desdem!
Quando, ingratissimo bem,
Huma pedra, hum tronco só,
Que de mim não tenha dó,
Todo este monte não tem.

Não

Não me conheces, tyranna?
Já te esquece, sem piedade,
A minha pura lealdade,
A minha fé soberana?
Ah! lembra-te, deshumana,
Quantas vezes disse Amor,
Que supportar seu rigor,
Nem chegar á ardente pyra,
Tão constante nunca víra
Como Anfrizo outro Pastor.

Não tenho bens, vivo pobre
Mas na minha condição,
Possuo hum bom coração,
Tenho huma alma firme, e nobre:
Em quanto o almo Sol cobre
Não acharás hum Pastor,
(Bem que da Sorte ao favor
Apascente immenso gado)
Nem, como eu, tão desgraçado,
Nem que tenha tanto amor.

Mas

Mas Amor ha de vingar
A minha fé ultrajada,
Has de amar sem ser amada,
Has de em zêlos delirar,
Has de, tyranna, provar
O veneno do desdem:
E se acaso houver alguem
Que te ame, ah! queira o Ceo
Que não seja como eu,
Nem que saiba amar tão bem.

XLVII.

De teus olhos a luz pura
Desterrou minha aflicção,
Nella veio a paz ditosa,
A paz do meu coração.

GLOSA.

QUãdo a Aurora, erguẽdo a fronte,
Niveo pranto ao bosque envia;
O fogoso Author do dia
Quando doura o cume ao monte:
O fresco rugir da fonte,
Brando rio, que murmura;
Tudo que a sabia Natura
De brilhante nos offrece,
He nada quando apparece
De teus olhos a luz pura.

Quanto, Anfriza, he superior,
Quanto he grande o teu poder!
Sem ti, não póde reger
O seu vasto Imperio Amor:
Sempre em pranto, sempre em dor,
Beijei seu duro grilhão:
Mal vi tua perfeição,
Que o furor do Ceo acalma,
Encheo de prazer minha alma,
Desterrou minha aflicção.

Não foi Amor quem venceo
A minha cruenta Estrella,
A hum teu riso, Anfriza bella,
Seu duro influxo cedeo:
Vi tua graça, que o Ceo
Applacou, terna, e piedosa,
Vi nella a face mimosa
Do meu Fado venturoso,
Ao meu coração ancioso
Nella veio a paz ditosa.

Sou feliz, já não invejo
A ventura dos Pastores,
Que gozão ternos amores
Nas frescas margens do Téjo,
Tenho glorias de sobejo,
Teus olhos meus Numes são;
São os bens que elles me dão,
Bens que eternamente durão,
São elles, quem me segurão
A paz do meu coração.

XLVIII.

Ter frio o sangue nas veias;
E no peito a ardente chamma,
Ter perdido a cor do rosto,
São effeitos de quem ama.

GLOSA.

TOdo o amante, por costume,
Sem custo, suspira, e chora,
Qualquer belleza que adora
Ser a Mãi d'Amor presume:
Diz-lhe, que arde em voráz lume,
Que arrasta a duras cadeias,
Que morre, e dando-lhe idéias,
De ver já a face á Morte,
Lhe mostra, em terno transporte,
Ter frio o sangue nas veias.

Clama contra a Natureza,
Pergunta ao supremo Author,
Se havia ser crime Amor
Para que fez a Belleza?
Transportado passe á impreza,
De mostrar ao bem que o inflamma,
Que se o duro tronco ama,
Deve amar com mais razão,
Quem tem terno coração,
E no peito a ardente chamma.

Com esta arte insinuante
Illude a prenda adorada,
Que já pensa desvelada
Ter ganhado hum fido amante:
Recita-lhe delirante
Doces versos, que há composto,
Dá na mão á face encosto,
Ajoelha, rompe o peito,
Geme, e jura a seu respeito
Ter perdido a cor do rosto.

O' vós, noviços de Amor!
Fugi-lhe a passos velozes;
Escutai as minhas vozes,
Sou amante, e prégador:
Hum ai, hum frio suor,
Hum pranto, que se derrama,
Não demostrão pura chamma:
Só a fé, só a ternura,
A paz, constancia, e candura,
São effeitos de quem ama.

XLIX.

Quando te não conhecia,
Terno prazer respirava;
Mal vi teu gesto engraçado
Perdi a paz que gozava.

GLOSA.

TErnos, e meigos Pastores,
O Gado, que apascentava,
O Zéfyro, que brincava,
O arbusto, os rios, as flores,
Dos Musicos voadores
O canto ao romper do dia:
Era a pasmosa harmonia
De tanto objecto innocente,
Que occupava minha mente
Quando te não conhecia.

No prado brincava Amor
Com aspecto meigo, e lindo,
Ora ao tronco á éra unindo,
Ora bafejando á flor:
Mil vezes, de Caçador
Occultos laços armava,
Se eu incauto passeava,
E lhe cahia nos laços,
Me soltava, e nos seus braços
Terno prazer respirava.

Hum dia diz-me o fingido:
Dou-te a minha Anfriza bella,
Cupido te entrega nella
Quanto póde dar Cupido.
Onde me havia escondido
Te trouxe, meu bem amado:
Fui aos Ceos arrebatado,
E em gloria tão superior,
Eu julguei ser mais que Amor
Mal vi teu gesto engraçado.

De zelos ardendo o Nume,
(Lançando me o grilhão duro)
Passa do Baratro escuro
Para o meu peito o ciume:
Quando no seu voráz lume
Já minha paz espirava,
Nada perdi, eu clamava,
O meu bem mais se eterniza,
Ganhei, quando por Anfriza
Perdi a paz que gozava.

L.

Do remorso a dor violenta
Jámais de mim se separa,
A Desgraça me persegue,
Já Amor me não ampara.

GLOSA.

HUm peito constante, e forte,
Que nutre em si a fé pura,
Não receia a Desventura,
Zomba do furor da Sorte;
A feia face da Morte
Vê em paz, não desalenta:
Só faz a Morte cruenta
Perder o socego, e calma,
Ao triste, que sente n'alma
Do remorso a dor violenta.

Quan-

Quando, Anfriza, te jurei
Perpétua fidelidade,
Sobre as aras da Verdade
Meus labios purifiquei:
De delictos não manchei
Minha fé constante, e rara,
Desde que em meu peito entrára,
Fez eterna habitação
Dentro do meu coração,
Jámais de mim se separa.

Amemos, Anfriza, amemos,
Com fé constante, e singella,
Que da nossa imiga Estrella
O furor applacaremos:
No virtuoso que vemos?
A Desgraça sempre o segue;
E no ímpio? Os bens consegue,
Que goza em fastoso Templo.
Ah! meu bem, que a tal exemplo
A Desgraça me persegue.

Do

Do vasto Templo de Gnido,
Eu não respeito o senhor,
O meu Nume, o meu Amor
E's só tu, meu bem querido:
Tenho-te em meu peito erguido
Maior Templo, Pyra, e Ara:
Quando victima preclara,
O teu fogo me consume,
Como tu és o meu Nume,
Já Amor me não ampara.

Eu não troco os meus accasos
Por venturas de ninguem.

GLOSA.

MArche o Vencedor potente
Por cativos conduzido,
Nos despojos do vencido
Fórme o seu carro luzente,
Na terra, e no mar valente
Metta a pique armados vasos,
Deixe os fortes muros rasos,
Cinja a frente de victorias,
Que por todas suas glorias
Eu não troco os meus acasos.

Por acaso a Nize vi,
Bem por acaso a adorei,
Logo a alma lhe entreguei,
Meu coração lhe rendi:
De seu peito recebi
Mimos, que preço não tem;
Pois se eu pude tanto bem
Por meus acasos lograr,
Eu não as quero trocar
Por venturas de ninguem.

Vejo por terra vencidos
Corpos que Amor destroçou.

GLOSA.

HEróes, de sangue nutridos,
Entre o marcial furor,
No Templo horrendo d'Amor,
Vejo por terra vencidos:
Pulão corações partidos,
Que o cruel despedaçou,
Entranhas, que atasalhou
Vejo palpitar sem dono;
Erão-lhe degráos do Throno
Corpos que Amor destroçou.

Nas

Nas azas do Desengano
Vi minha Esprança voar.

GLOSA.

AH! não mais, Amor tyranno,
Para mim laços não teças,
Vi voar tuas promessas
Nas azas do Desengano:
E's hum falso, hum deshumano
Não te quero acreditar:
Quando, sobre o teu altar,
Eu lançava puro incenso,
D'entre o fogo, e o fumo denso,
Vi minha Esprança voar.

A doença do ciume
Não a cura a Medicina.

GLOSA.

MAgro, secco, sem chorume,
Amarella a côr do rosto,
Neste estado me tem posto
A doença do ciume:
Eu amava por costume,
Eis zelos d'huma Nerina
Me causárão tal ruina;
Já que quiz metter-me em restia,
Morrerei, que esta molestia
Não a cura a Medicina.

Nas

Nas Aras do Deos Cupido
Ninguem ponha o coração.

GLOSA.

ENtrei no Templo de Gnido,
Do que vi, inda estou louco:
Vi sentado Manoel Côco
Nas Aras do Deos Cupido:
Eu sou, diz, de Amor valido,
Vinde dar-me adoração;
Manda o Deos por meu brazão,
Que em seu altar sem coquices,
Ou fazer mil piéguices,
Ninguem ponha o coração.

Hum coração innocente
Embrulhado n'hum papel.

GLOSA.

VI huma moça excellente,
Seu lindo gesto encantava;
Nas meigas faces mostrava
Hum coração innocente:
Corro a ella, e de repente
Off'reço-lhe o meu annel;
Mas vendo a Pomba sem fel
Da minha offerta assustada,
Tive dó, dei-o á Criada
Embrulhado n'hum papel.

Pen-

Pende para a minha parte.

GLOSA.

EM balança exacta, Amor,
Quiz ver quem pezava mais,
Se os meus extremos leais,
Se de Marilia o rigor:
Vai a balança dispôr,
Sem usar de engano, ou arte;
Traições, e extremos reparte,
Nas aureas conchas os lança,
Ergue a mão, eis a balança
Pende para a minha parte.

Justo Ceo, porque me deste
Huma alma capaz de amar?

GLOSA.

JÁ que hum homem me fizeste,
Podendo fazer me hum gato,
Beiços grossos, nariz chato,
Justo Ceo, porque me deste?
Se huma pelle me puzeste
Côr de noite sem luar,
E esta me priva cazar
C'o huma branca, que me atiça,
Dares-me, foi injustiça,
Huma alma capaz de amar.

Do Téjo as arêas de ouro.

GLOSA.

QUerendo adornar-me Amor,
De verde laurel, que apresta,
Corre a enramar-me a testa,
Quer-me a cabeça compôr:
Pôz-me o Deos enganador
Dous cornos em vez do louro:
Eu apenas me vi Touro,
Entro na terra a raspar,
Fazendo subir ao ar
Do Téjo as arêas de ouro.

Cupido defendo eu.

GLOSA.

OH Ceos! Que vejo, q̃ horror!
Por praças, ruas, e outeiros,
Hum milhão de Quadrilheiros
Pertendem prender Amor:
Justo Ceo, dá-lhe favor,
E defende hum Numen teu;
Mas Amor appareceu,
Alto lá vilões ruins,
Que das garras dos Malsins
Cupido defendo eu.

As melhoras de Sofia.

GLOSA.

AMor, premios repartindo,
Do augusto throno estava,
Huns de mil bens coroava,
Outros de laureis cingindo:
Que queres? (me diz surrindo)
Pede quanto a Terra cria,
Tudo te dou neste dia.
Eu lhe grito, Amor piedoso,
Dá-me, para eu ser ditoso,
As melhoras de Sofia.

Co-

Como vem risonha a Aurora,
As madeixas sacudindo,
De niveos grupos cubrindo
Os verdes Campos de Flora!
Eu te salvo, ó precursora
Do mais venturoso dia;
Não he muito, que álegria
Ferva em teu rosto jocundo,
Quando vens trazer ao Mundo
As melhoras de Sofia.

Chegão de Sofia aos lares
As melhoras desejadas,
Por mim, mil vezes votadas,
De Amor nos sacros Altares:
Se ás aves nos densos áres,
Se ás féras, que a Terra cria,
Dão prazer, dão alegria;
Eu que sinto, amo, e desejo,
Que sentirei, quando vejo
As melhoras de Sofia?

Ara tu, victima eu,
Tu pyra, eu sacrificio.

GLOSA.

NUm altar, que Amor ergueo,
Que ara, e victimas não tem,
Quer, que sejamos, meu bem,
Ara tu, victima eu:
Pede huma victima o Ceo
Que jámais manchára o vicio;
Conhecendo Amor propicio
A pureza com que amamos,
Manda Anfriza, que sejamos
Tu pyra, eu sacrificio.

Suba recto o fumo ao Ceo,
Hum sacrificio façamos,
Bella Anfriza, em que sejamos
Ara tu, victima eu;
Abraze-me o fogo teu,
Demos ao culto exercicio:
Lá do throno, Amor propicio,
Nos ha de ver, com vaidade,
Sobre o altar da verdade
Tu pyra, eu sacrificio.

Hum Amigo do Author, grande Jogador da Manilha, e espertissimo no modo de amaçar as Cartas, perdendo huma noute, lhe pedio quizesse tomar o seu lugar, o que fez; e sendo maçado, lhe conta nestas Decimas o combate. As palavras em que acabão, são nomes que se dão ás differentes situações em que se perde o Jogo.

MEu Azevedo, contar-te
Eu quero o fatal destroço,
Vou fazello, mas não posso,
Falta-me o valor, e arte:
Vi rasgar teu estandarte,
Pizar as tuas trapaças;
Eu mettido em taes desgraças,
Vou valente alçar a vóz,
Pregárão-me c'o hum nicós,
E com duas vergonhaças.

Caio emfim envergonhado,
Vejo o Irmão envolto em glorias,
Já contando mil historias,
Vejo o Mestre descarado:
Espertinho, e nacarado,
Torno a mim, atiro hum bote;
Morra já tanto pixote,
Grito ao Mestre, fogo, fogo;
Por fim perdemos o jogo,
E levámos hum capote.

Assim se vão altercando
As contendas mais travadas,
Nós a fazermos maçadas,
Mas elles sempre maçando:
Até que ardendo, e espumando,
Nas tuas nicas me estribo,
Ah! que agora eu os derribo,
Com valor empunho a lança;
Mas vendo a minha chibança
Me pespegárão c'o hum chibo.

Sahe a turba dos sequazes,
E me faz tal berraria,
Que já quasi me parcia
Ser o touro dos rapazes:
Chovem chufas, bem capazes
De fazer zangar hum tronco,
Mordo o beiço, e com ar bronco,
Usei da tua maçada,
Mas por fim, sendo frustrada,
Pregárão-me hum demanonco.

Trinta e cinco n'uma mão,
Eu fiz com bastante gloria,
E tendo certa a victoria,
Disse com affectação:
Pegue no baralho, Irmão,
Aqui tem o ferro, vibreo
Contra mim, perca o equilibrio
Da piedade, e então me ria;
Mas em paga da ironía
Perco o Jogo de ludibrio.

Eu então, sem mais rebuços,
Em nervosas convulsões,
Quem me salva dos ladrões,
Exclamo, entre mil soluços:
Venhão matracas, e chuços,
Hoje tudo em ferros fique.
Nisto se desata o dique
De infinitas pateadas,
E ao som de immensas risadas
Me abafárão c'o hum perrique.

Se querias, Azevedo,
Que eu te fosse despicar,
Quando me deste o lugar
Havias-me dar hum dedo:
Causaria espanto, e medo,
Com elle ao Rei das pandilhas,
Eu fizera maravilhas,
E milagres de mil modos,
E até, á vista de todos,
Dos tres fizera manilhas.

Man-

Mandando o A. huns leitões, estando doente dos olhos.

DECIMA.

DO respeito a méta passo,
Sou atrevido não nego,
Mas como estou quasi cego,
Não vejo bem o que faço:
Perdoai o mimo escaço,
De que peço mil perdões:
He bem justo, que milhões
Vossa grandeza rejeite,
Mas, Senhor, a Antonio Leite
Acceitai esses leitões.

Mandando hum prato de arroz de leíte a hum seu Amigo.

DECIMA.

DEvêra ser desprezado
Esse prato de arroz doce,
Se elle ás vossas mãos não fosse
Pelo meu amor levado:
Mas para do vosso agrado
Merecer benigno effeito,
Basta ver, que do meu peito
A amizade vos figura,
Pois he tão candida, e pura
Como a nata de que he feito.

Pedindo a hum Amigo huma caixa de Rapé.

DECIMA.

AMigo, estou feito em cisco,
E como em salvar-me estudo,
Protestei seguir em tudo
A Regra de S. Francisco.
O preceito he duro, e arisco;
A quem seu Confrade he,
Manda que peça, e com fé:
Pois que o Santo assim o diz,
Vou pedir para o meu nariz
Essa caixa de Rapé.

IDYLLIO.

QUando ao som da infausta lyra,
Em Canções que forma a dor,
Aos rochedos me queixava
Das tyrannias de Amor;

Quando nas lúgubres azas
De tristissimas endeixas,
Ao coração d'huma ingrata
Mandava baldadas queixas;

Quando emfim qual niveo Cysne
Que na morte o canto apura,
Eu já entrava cantando
Pelo horror da sepultura.

Entre hum chuveiro de luzes,
Sobre nuvem prateada,
Vejo descer do Parnaso
A minha Musa adorada;

Calca aos pés a lyra triste,
Me diz com gesto mimoso,
Tu serás, entre os Cantores
O Cantor mais venturoso.

Toma esta Lyra divina,
Empunha este plectro de ouro,
Cinge na fronte ditosa
Esta grinalda de louro.

Almo licor de Castellia
Já teu estro frôxo alaga,
Apollo, do santo nectar
Já tua mente embriaga.

Alto assumpto te apresenta,
Que o mais alto assumpto excede,
Nelle, tudo o que he de glorias,
O louro Deos te concede.

He cantar as perfeições,
As perfeições superiores
De huma Deidade mais bella
Que a bella Mãi dos Amores.

Cantarás suas virtudes,
E exaltadas no teu canto,
Hirão á face de Jove
Encher os Deoses de espanto.

O Destino, que alta gloria
Fez sempre em te perseguir,
Hoje á presença da Diva
Terno te ha de conduzir.

Mais não diz, e despedindo
Sobre mim hum raio ardente,
Sinto hum fogo devorante,
Que me abraza, e me ergue a mente.

Com furor empunho a lyra,
O canto formar desejo,
Mas quando os olhos levanto
A cara Musa não vejo.

Beijo o plectro, abraço a lyra;
Eis que, em glorias transportado,
Com semblante doce, e meigo,
Vejo o Destino ao meu lado.

Sobre o carro da Ventura,
Guiado de amiga Estrella,
Me trouxe á tua presença,
C' gentil Clarina bella.

Vi teu gesto peregrino,
Não vacillei hum instante,
Logo vi seres o Nume
Que a Musa manda que eu cante.

Embelezado em teus olhos,
Já ufano as cordas firo,
Vou soberbo alçar a voz,
Pasmo, desmaio, deliro.

A hum só terno movimento
De seus raios brilhadores,
Vejo cahirem rendidos
Milhões de alados Amores.

Tens cabellos, em que Amor
Prende os ditosos Amantes:
Não brilhão tanto d'Aurora
As madeixas fluctuantes.

No breve, macio espaço.
De tuas faces mimosas,
De níveos jasmins ao lado,
Repousão purpureas rosas.

Da tua boca engraçada
Vejo sahir em cardumes
Brilhantes, nectáreas frases
Com que se explicão os Numes.

Vejo hum mar, que em torno bate
Alvo farol, que sustenta
Amigos lumes, que animão
Nautas d'Amor na tormenta.

D'alli se apartão dois braços,
Que a felices portos vão,
Onde Amor os bens reparte
Que lhe envia o coração.

Vai este mar... mas que vejo!
Hum denso, e sagrado véo,
Encobre a meus tristes olhos
Thesouros, que são do Ceo.

Eis, ó Musa, a sacra lyra,
Eis teu plectro encantador:
Pintar de Clarina as graças
Não deve humano cantor.

Suas virtudes, tão raras,
Tu me ordenaste entoar:
Posso contar as estrellas,
Ou as arêas do mar!

Cinja o louro Deos a frente
D'alta gloria de cantallas:
Tenho glorias de sobejo
No prazer de contemplallas.

QUINTILHAS

Ao Ill.mo Senhor José Xavier da Cunha d'Eça Telles de Menezes, do Conselho de S. A. Real, &c.

FAtigado de luctar
Com o afflicto pensamento,
Mal podendo respirar,
Sobre hum rochedo me assento,
Em que bate o irado mar.

Alli só acompanhado
Da macilenta tristeza,
Em tristes prantos banhado,
Me queixava da fereza
Do meu denegrido Fado.

Nos ais, que o peito exhalava,
No fero mar, que bramia,
No vento, que sibilava,
A minha melancolia
Novos alentos tomava.

A cruel então me diz,
Em tristes vozes medonhas:
„ O teu Fado assim o quiz;
„ Por mais que a elle te opponhas,
„ Has de ser sempre infeliz. „

„ Vê seus bens distribuindo
„ A Fortuna diligente,
„ Com todos vai repartindo:
„ Só tu choras descontente,
„ Quando todos se vão rindo. „

„ Té a Mestra universal,
„ Que a todos tanto premeia,
„ Te nega o seu cabedal;
„ E parece se gloreia
„ Em ver crescer o teu mal. „

„ Se-

» Serão de balde os suores,
» Que banhão teu rosto honrado;
» Surdo o Ceo a teus clamores,
» Fulminará sempre irado
» Sobre ti os seus furores. »

A tais vozes, de afflicção
Meus ais atroão os ares;
E o meu pobre coração
Se lança sobre os altares
Da vil Desesperação.

Sinto mil furias no peito,
Sem temor encáro a Morte;
Já o seu mirrado aspeito
Impávido vejo, e forte,
Seus horrores não respeito.

No furor em que deliro,
Desafio ao Ceo clemente;
Desesp'rado ao mar me viro,
E com voz balbuciente
Estas palavras profiro:

» A

„ A mais triste creatura
„ Recebei, ondas piedosas;
„ Tudo me nega a Ventura:
„ Nas vossas grutas limosas
„ Não me negueis sepultura. „

Nisto corro de repente
Furioso a precipitar me
Do lugar mais eminente;
Eis que sinto segurar me
Hum braço forte, e potente.

Vejo hum Velho venerando;
Não vi rosto tão amavel!
Que a suave voz alçando,
Me vai benigno, e affavel
Pouco a pouco socegando.

„ Ah Tionio venturoso!
(Terno me diz) „ Tu serás
„ Dos mortaes o mais mimoso!
„ Abre este livro, e lerás
„ Teu Horóscopo ditoso.

„ Ve-

» Verás d'onde te provem
» A mudança do teu Fado;
» Louvarás a mão por quem
» Do sacro Empyreo inviado
» Tão alto prazer te vem. »

» O teu grande Bemfeitor,
» Que tantas mercês te faz,
» Cujo peito he todo amor,
» Candura, pureza, e paz,
» He quem foi teu Protector. »

» Josino, filho querido
» Da maior das Heroinas,
» Tão felizmente nutrido
» Com suas sabias doutrinas,
» He dos Ceos tão attendido,

» Que hoje, meu Tionio amado,
» Tem os Numes superiores
» Em Consistorio assentado,
» Que quem mer'cer seus favores
» Não possa ser desgraçado. »

» Ven-

„ Vendo emfim com que bondade
„ Em seus beneficos braços
„ Exalta a tua humildade,
„ Unindo-te a si nos laços
„ Da mais estreita amizade:

„ Vendo emfim que já cedia
„ O teu coração imbelle
„ A' fatal melancolia,
„ O Ceo, em respeito a elle,
„ He que a salvar-te me envia. „

„ Eu sou Protheo, que do Fado
„ Guardo os decretos divinos
„ Neste volume sagrado:
„ Vê nelle os altos Destinos
„ Do teu Heróe sublimado. „

Em quanto elle assim fallava,
Transportado de alegria,
Meu coração palpitava;
E o prazer em que me via
Em extasis m'elevava.

Eis-

Eis que abre o Livro, e eu vendo
Da Sorte as rodas fataes,
Em que subindo, e descendo
Vão os miseros Mortaes,
De pavor fiquei tremendo.

Os Heróes abalizados,
Que a par de Fortuna cega
Sobem de prazer c'roados,
Mal que o seu riso lhes nega,
Se despenhão desgraçados.

Os invenciveis Guerreiros,
Que vencendo Esquadrões fortes,
Se engrinaldão de loureiros,
Troca-lhe a Ventura as sortes,
Gemem tristes prisioneiros.

Sobem densos turbilhões
De odoriferos perfumes,
Que os mundanos corações
Consagrão aos falsos Numes
De suas cegas paixões.

Pe-

Pela Ambição conduzidos
Os féros Conquistadores,
Da humanidade esquecidos,
Se recreião nos clamores
Dos miseraveis Vencidos.

Tudo he confusão, e horror!
O Pastor maldiz a lei,
Que o privou de ser senhor;
E no throno inveja o Rei
A ventura do Pastor.

Ninguem escapa á Tristeza,
A cruel todos devora;
Geme o pobre na pobreza,
Geme o rico, e triste chora
Nos vís grilhões d'Avareza.

Todos os Mortaes delirão;
Da santa Paz a doçura
Em seus peitos nunca virão;
E em quanto pela ventura
Cheios de temor suspirão:

Vejo o meu Heroe, sem susto,
Tão superior, e elevado
A's iras do Fado injusto,
Como o freixo mais copado
Ao rasteiro, humilde arbusto.

Pela sabia mãi guiado,
Do caminho se não tira
A's virtudes consagrado.
Que modestia não respira!
Que ternura, e doce agrado!

A vãa Soberba arrogante
Vai se raivosa esconder
N'huma Caverna distante;
Cobre a cara por não ver
O seu candido semblante.

Da Inveja as crueis serpentes,
De longe raivando, gritão;
Rangendo os farpados dentes,
Alli de raiva vomitão
As entranhas pestilentes,

Em

Em tanto as virtudes bellas
Em seu peito resplandecem,
Como no Ceo as estrellas:
Ellas por elle estremecem,
Elle estremece por ellas.

Já Minerva lhe confia,
Em chuveiros copiosos,
Os dons da Sabedoria;
Seus Alumnos mais famosos
Por Preceptores lhe envia.

Já Marte lhe cinge a espada,
Que fôra com tanta gloria
Por seus Avós manejada;
E ao grão Templo da Memoria
Em seus triunfos levada.

Todos os Numes sagrados,
Deixando os solios luzentes,
Baixão sobre elle apinhados;
Todos procurão contentes
Assistir-lhe desvelados.

Com

Com seu influxo benigno
As procellas não receia
Do inconstante Destino;
Nas vanglorias não recreia
Seu pensamento divino.

Só ama a sua riqueza
N'aquellas horas felices,
Que com prodiga grandeza
Vai tirar os infelices
Das crueis mãos da pobreza.

A luz da sabia Razão,
O santo Amor, a Humildade,
Estes os seus Numes são,
A quem no altar da verdade
Consagra o seu coração.

Mas quando em paz descançava
No regaço da Ventura,
E que Morféo lhe lançava
A mimosa ligadura,
Que o doce somno enlaçava:

Lhe

Lhe apparece o Deos Vendado;
Contra elle, sem respeito,
Dispara o farpão dourado;
Mas mal lhe toca no peito,
Cahe no chão despedaçado.

Despeja a funesta aljava,
Provadas settas afia;
Mas quando o arco empunhava,
A setta, que despedia,
Mesmo no ar se quebrava.

» Houve Heróe, Nume, ou Guerreiro,
» Que escapasse aos meus farpões?
» Este ha de ser o primeiro,
» Que zombe dos meus grilhões,
» Que escape ao meu captiveiro? »

Assim gritando delira;
Hum ferro hervado prepara,
Alça o braço envolto em ira;
No seu semblante repara,
Cahe-lhe o ferro, e se retira.

Ba-

Bate as azas de repente;
Pelo ar, que vai cortando,
Espalha hum suspiro ardente;
Mas pouco a pouco baixando,
Já vai risonho, e contente.

Reclinada sobre flores
Avista huma Nynfa bella;
Suas graças superiores
Fazem que morra por ella
De amor o Deos dos Amores.

Juntava á sua belleza
Altos dotes, que não são
Sujeitos á Natureza;
Sóbra á sua perfeição
Da clara Estirpe a grandeza.

Empunha o Cruel vaidoso
Hum punhal de diamante;
Chega-se a ella medroso,
Dá lhe o golpe penetrante
Sobre seu peito mimoso.

Nis-

Nisto acorda espavorida,
Ja sente de Amor o effeito;
Ella deseja rendida
Beijar a mão que em seu peito
Abrio tão doce ferida.

A' presença do Rival
Elle corre bem depressa:
C'o mesmo feliz punhal
O coração lhe atravessa,
Lhe dá o golpe fatal.

A impulsos da fera dor,
Quebra do somno a prizão;
E vendo o seu aggressor
C'o tinto ferro na mão,
Corre a elle com furor.

Mas outro affecto o suspende;
Elle já beijar procura
A propria mão, que o offende;
Porém a sua candura
Este affecto não entende.

„ Sinto em gostosa afflicção
„ Que me abraza hum doce lume!
„ Disto, Amor, dá-me a razão. „
Diz-lhe Amor: „ Pergũta-o ao Nume
„ Que já tens no coração. „

Tão veloz não rompe a esféra
A exhalação luminosa
Como elle corre a Cythera
A contar á Mãi formosa
A conquista que fizera.

„ Mãi, este ferro luzente,
„ Por gloria do nosso Imperio,
„ Em rico festão pendente,
„ Sobre o meu assento ethéreo
„ Ficará eternamente. „

„ Talvez de mim triunfasse
„ O meu heroico Rival,
„ Se eu feliz não encontrasse
„ Hum coração divinal,
„ Que em tudo ao seu igualasse! „

Hy-

Hymenêo, a tocha accende;
Já sobre as aras fumantes
De Amor as prizões estende;
E os dois corações amantes
Em eternos laços prende.

Tudo neste fausto dia,
Tudo parece que vôa
Sobre as azas d'Alegria!
Dos hymnos, que a terra entôa,
Chega aos Ceos a melodia.

Gira a turba dos Amores;
Em mil brincos se baralhão
Com as Graças superiores;
Sobre os Consortes espalhão
Brandos risos, tenras flores.

Junto ao thálamo cantando
Estão as Vates divinas,
Feliz próle annunciando,
Suas acções peregrinas
Humas ás outras contando.

Quando no principio estava
Das suas heroicidades,
E que o livro me mostrava
As altas felecidades,
Que o Fado lhe destinava;

Entre pasmos submergindo
Se vai pouco a pouco a mente;
E os meus olhos mal abrindo,
Me encostei, e infelizmente
Por meu mal fiquei dormindo.

Emfim, acordo assustado,
A Protheo de balde chamo!
Não vejo o Livro sagrado;
Tristes lagrimas derramo,
Em vão me queixo do Fado!

No estado, em que me vejo,
Grito aos Numes superiores:
» Eu riquezas não invejo;
» Conservai-me os seus favores:
» Mais altos bens não desejo. »

IDYLLIO I.

O Triunfo.

MAl as nitidas estrellas
A descorar começavão;
Inda distante os Ethontes
Após d'Aurora marchavão;

Quando já Tionio triste,
Maldizendo o injusto Fado,
Delirante conduzia
Para o monte o manso gado.

Amava Marfida ingrata
O malfadado Pastor;
Ninguem havia tão triste
No vasto Imperio de Amor.

Debalde n'amante pyra
Lança o fido coração:
Marfida o tira, e consome
Nas aras da Ingratidão.

Nem ao menos o bem goza
Que o mais infeliz alcança;
Os seus olhos nem ao longe
Vião raiar a esperança.

Passa o dia, chega a noite,
Foge a noite, torna o dia,
E o triste arrastando os ferros
Da cruel melancolia.

Luctando c'o a fera dor,
Que o fido peito lhe rala,
A voz solta de mistura
Com os ternos ais, que exhala.

„ Caro rebanho (dizia);
„ Que vos deixe manda Amor:
„ Se quizerdes ter ventura,
„ Procurai outro Pastor. „

„ Eu vos deixo, e vou buscar
„ Doce fim á triste vida;
„ Corro a abrazar-me nos olhos
„ Da cruel, ímpia Marfida. „

„ Minha lyra, que espalhára
„ Tanta gloria nesta selva;
„ A cujo sonoro accento
„ Deixaveis a branda relva;

„ Neste tronco, que abrazado
„ Fôra por hum raio ardente,
„ Deixo exposta ao bravo vento
„ De hum secco ramo pendente. „

» Faz toda a nossa desgraça
» Do meu bem a crueldade:
» Jámais seremos dito-os;
» Marfida não tem piedade! »

Disse, e a buscar a ingrata
Sóbe o empinado monte;
Desce delirante ao bosque,
Cruza o valle, corre á fonte.

Qual amante borboleta,
Que buscando a luz mais pura,
Vôa, gira, e encontra a Morte
Na mesma luz, que procura:

Assim eu, da mesma sorte,
Corro aos olhos do meu bem;
Busco morrer abrazado
Nos raios do seu desdem.

Emfim, encontro a tyranna,
Sentada a cruel estava
Junto de hum freixo copado,
Que o brilhante Sol dourava.

As Graças encantadôras
Festões de rosas tecião,
Com que o peito lhe adornavão,
Com que a frente lhe cingião.

As variadas boninas,
A fonte, que murmurava,
O canto dos passarinhos,
Doce amor tudo inspirava.

Sollicitos espalhavão
Os Zéfyros brincadores
No ar suaves perfumes,
Que havião roubado ás flores.

Em tanto o misero Amante
Entre huns ramos se occultava;
E o tormento, que o devora,
Em silencio supportava.

Eis que hum suspiro innocente,
Que do coração sahio,
Foi descobrilo á tyranna,
E o desgraçado trahio.

Assustada, com a vista
Corre a hum, e a outro lado,
Até que o infeliz diviza
Em mortal pranto alagado.

„ Importuno! (diz a féra)
„ Teu louco amor que procura?
„ Não sabes, já por costume
„ Que eu não conheço a ternura?„

„ Ve-

„ Vejo teu peito ferido,
„ Palpitar-te o coração;
„ Teus ais, que os montes abalão,
„ Não me fazem compaixão. „

„ Que me importa que de Amor
„ O incendio te devore,
„ Se o meu destino, por lei,
„ Me manda te não adore? „

O triste, que em mortaes ancias
O desengano escutou,
Do fundo do coração
Estas palavras soltou:

„ Ah deshumana! A tua alma
„ Tanto as leis do Fado préza,
„ Ultrajando as Leis sagradas
„ Do Amor? Da Natureza? „

„ Ah!

» Ah! téme, ingrata, o castigo
» Do Numen que o raio accende!
» Quem a Natureza ultraja,
» Seu poder superno offende. »

» Eu morro, morro contente;
» Mas quero, ingrata, primeiro
» Do poder de Amor mostrar-te
» Hum retrato verdadeiro. »

» A verde hera abraça o tronco,
» O zéfyro beija a flor:
» Vê, tyranna, no insensivel
» O poder que tem Amor. »

» Vê debaixo d'agoa fria
» Namorado o peixe mudo;
» Envergonha-te, e conhece
» Que Amor prende, e inflãma tudo.

„ Ouve as aves deste bosque,
„ Que em alternadas canções
„ Humas ás outras explicão
„ Suas amantes paixões. „

„ Vê como n'aquelle ramo
„ Se adorão dois passarinhos,
„ Unindo em doces requebros
„ Os delicados biquinhos. „

„ Repara, cruel, n'aquelle,
„ Que o seu bem feliz fizera,
„ Como se encrespa, vaidoso
„ Do triunfo que tivera. „

„ Olha aquelle ... „ Eis q̃ o estrondo
De arcabuz, que se dispara,
Assustada pela selva
A amante turba separa.

O mais terno passarinho,
Que gozava os dons de Amor,
Foi victima desgraçada
Do barbaro Caçador.

C'o o peito ferido vôa
Após a prenda querida;
Adêja, revoa, e cahe
Aos pés do cruel sem vida.

A esposa, que nas balsas
Não encontra o bem amado,
Vôa ao sitio venturoso,
Onde o havia deixado.

Não o encontra, ao ar se empina,
Para ver se o bosque o esconde;
Canta, escuta, outra vez canta,
Escuta, ninguem responde.

Sobre as azas se equilibra,
A esp'rança lhe dá conforto;
Com os olhos cruza a terra,
Eis divisa o esposo morto..!

Tão veloz d'acceza nuvem
O fogo ardente não sahe,
Como a esposa semi-viva
Junto ao caro esposo cahe.

Com as azas cobre o esposo,
Com o bico rasga o peito;
Morre, e o leito do seu bem
He o seu funesto leito.

Marfida seus lindos olhos
Dos amantes não tirava;
E de ter sido tão féra
Confusa se envergonhava.

» Já sinto (diz) no meu peito
» A ternura, a compaixão;
» Sinto já de Amor a flamma
» Devorar-me o coração..! »

» Tionio, meu bem, piedade!
» Na tragedia, que contemplo,
» Aprendi a amar, e quero
» Dar-te de Amor puro exemplo. »

» Já te adoro; sim, meu bem,
» Do teu mal me compadeço;
» E em premio de tantas ancias
» A minha alma te offereço. »

Tionio grita: » Ah! Se eu pude
» Supportar tantos desgostos,
» Marfida, a minha alma cede
» Ao pezo de tantos gostos..! »

» Cor-

» Corramos, Ma fida, ás aras
» De Amor, dar-lhe adorações;
» Rendidos lhe tributemos
» Nossos fidos corações. »

De açucenas, e de rosas
Duas grinaldas formárão;
E, coroando-se hum ao outro,
O templo de Amor buscárão.

IDYLLIO II.

O Recado.

BRando Zéfyro suave;
Pois amas as tenras flores,
Leva-me por compaixão
Hum suspiro aos meus Amores.

Dize-lhe em sussurro brando:
O teu bem me manda aqui;
Sabes que fazia o triste?
Morrendo estava por ti.

Todo amor, por mim te envia
Hum terno suspiro ardente,
Pela saudade gerado
Dentro em seu peito innocente.

Isto dizendo, repara
No semblante do meu bem;
Vê ao dares-lhe o suspiro,
Se ella suspira tambem.

Se suspirar, diligente
Furta-lhe o suspiro, e então
Corre veloz, vem trazêllo
Ao meu fido coração.

Mas se não suspira a ingrata,
Mas se desdenha os meus ais,
Vai suavizar outros ares,
Não me tornes a ver mais.

IDYLLIO III.

O Engano de Amor.

QUando eu contente
Mil bens gozava
Na paz ditosa,
Que respirava;

Quando o meu peito
Outra Deidade
Não conhecia,
Que a Liberdade;

Passava a noite;
Passava o dia:
Eu satisfeito,
Ledo vivia.

Ora colhendo
Boninas bellas,
De que formava
Lindas capellas;

Ora entrançando
Tenras verguinhas,
Com que tecia
Alvas cestinhas;

Ora escutando
Os sons suaves
Do terno, e meigo
Canto das aves.

Neste innocente
Trato mimoso,
Eu blasonava
De venturoso.

Eis chega hum dia,
Dia, que o Fado,
Para meus males
Tinha guardado.

Mal vinha ao monte
O Sol raiando,
N'hum valle ameno
Eu hia entrando.

Na manhãa bella
Todo embebido
Estava, quando
Oiço hum gemido.

C'o a vista corro
Todo o lugar,
Eis que hum menino
Vejo a chorar.

Que tens (lhe grito)?
Não chores mais!
Quem te motiva
Tão ternos ais?

A elle corro,
Ao collo o trago;
Na face o beijo,
Mimoso o affago.

Dize, menino,
Quem te maltrata?
„ Quem? (Me responde)
„ He Nize ingrata! „

„ Ser-me-hia leve
„ Todo o castigo;
„ Mas a tyranna
„ 'Stá mal comigo! „

Tinha as mãosinhas
Ao Ceo levadas;
De pranto as faces
Tinha alagadas.

Basta (lhe digo);
Se não chorares,
Fazer prometto
Quanto mandares.

Eis de repente,
No chão saltando,
Com rosto alegre
Me vai guiando.

„ Ah! Meu Tionio,
(Terno me diz)
„ Só tu me pódes
„ Fazer feliz. „

Em quanto o prado
Vamos trilhando,
As mãos mil vezes
Me vai beijando.

Emfim chegámos,
Onde hum ribeiro
Se despenhava
D'ingreme oiteiro.

Alli na relva
Fresca, e sombria,
Sobre a mão nivea
Nize dormia.

Em torno as Graças
Lhe estão cantando;
Outras os olhos
Lhe estão fechando.

Quaes dos cabellos
Laços formavão,
Que mil desejos
Aprisionavão:

Nas lindas faces,
Faces mimosas,
Outras lançavão
Jasmins, e rosas.

No lindo collo
Milhares dellas
Guardavão outras
Graças mais bellas.

Eu tal estava,
Que me esquecia
Do innocente,
Que alli me guia.

Sentia em tanto
Dentro do peito
Hum desusado,
Mas doce effeito!

Contente estava,
Q'ria chorar;
Q'ria partir,
Q'ria ficar...!

Nisto o menino,
Que eu tinha ao lado,
Me passa o peito
C'hum ferro hervado.

Ao ai sentido,
Que ao ar lancei,
Do doce somno
Nize acordei.

Que te fiz (grito)?
Dize, traidor?
„ O' lá (responde)!
„ Conhece Amor. „

Hei de fugir-te,
Numen cruento!
Disse; e debalde
Fugir intento.

Sinto grilhões
Nos pés convulsos;
Grossas algêmas
Nos roxos pulsos.

Meus ais as duras
Pedras quebravão!
Só Nize, e Amor
Delles zombavão.

Então me grita
O Deos vendado:
„ Julgas, Tionio,
„ Que és desgraçado? „

„ Morrer não queres
„ Por Nize bella,
„ Quando eu de amores
„ Morro por ella? „

„ Has de amar Nize;
„ Sim, delirante
„ Morrer por ella
„ A todo o instante. „

„ Quando te animem
„ Seus olhos bellos,
„ Hão de fazer-te
„ Morrer de zêlos. „

„ Has

» Has de soffrer
» A crueldade
» Da mais violenta
» Impia saudade. »

» Quando o seu peito
» Vires piedoso,
» Então, Tionio,
» Serás ditoso. »

Calla-se Amor,
Dos olhos desce;
Por entre hum riso
Desapparece.

Eis que da boca
Linda, e mimosa,
Solta a voz terna
Nize formosa:

» Ama

» Ama constante;
» E persevera;
» Que tudo alcança,
» Quem firme espéra. »

Isto dizendo,
Com gesto lindo,
Do sitio ameno
Se aparta rindo.

Ah! Desgraçado
De quem descança
Nos duros braços
Da tarda Esp'rança!

Ternos Pastores
Desta espessura,
Ah! Quanto invejo
Vossa ventura!

Se q'reis livrar-vos
Da minha dor,
Fugi, Pastores,
Fugi a Amor.

QUADRAS.

NAquelle feliz instante,
Oh Divina Anfriza bella,
Em que tornaste ditosa
A minha infeliz Estrella:

Instante, em que me fizeste,
Com teu Divino favor,
O maior dos Venturosos
Que beijão grilhões d'Amor:

Quando, emfim, as minhas glorias
Divinal metta tocárão,
Os Deoses, no Sacro Olympo,
Contra mim se conspirárão.

Aos crueis Fados ordenão,
Respirando Inveja, e Zelos,
Que me apartem rigorosas
De teus lindos olhos bellos.

Em vão pertendo applacallos,
Seu rigor sobre mim chove,
Não querem, que eu goze hum bem
De que só he digno Jove.

Do bem, que perdeo o triste,
Sinta, em castigo, a lembrança,
Ante seus olhos não veja
Raiar jámais a Esperança.

Condenão-me desta sorte
Os crueis Deoses irados,
Mas hum coração, que he teo
Arrasta o furor dos Fados.

Ha de amar-te a seu despeito,
No seu terno palpitar,
Com vaidade, não pertende
Maior premio do que amar.

Sim, Anfriza, o teu Anfrizo
Tem hum puro coração,
Que jámais será manchado
Pela feia Ingratidão.

Com ternos ais, e gemidos,
Nascidos de hum nobre ardor,
Inda ha de applacar a Jove,
Inda ha de applacar Amor.

Medio a minha Ventura
O Destino com rigor,
O Prazer só dura instantes,
Dura seculos a dor.

GLOSA.

TUtelar do Téjo amado!
Alcipe, do Pindo Gloria!
Que no Templo da Memoria
Tens aureo Throno elevado:
Quando do meu negro Fado
Rompeste a cadêa dura,
Jove então, da Etherea Altura,
Sobre turbilhões de lumes,
Pela Ventura dos Numes
Medio a minha Ventura.

Se-

Seja o Ente mais ditoso
A pezar do negro Averno,
(Falla assim Jove Superno
Do alto Solio Magestoso:)
Seja em tudo Venturoso
Quem tem d'Alcipe o favor;
Seja aos Fados superior,
Goze o meu bem divinal,
Jámais trate este Mortal
O Destino com rigor.

Vê como Jove premeia,
Grande Heroina, a Virtude,
Por ti rompe o grilhão rude
Que o triste infeliz enleia:
Sim, que a tua alma vagueia
Nos Espaços radiantes,
Habita os Lares brilhantes
Onde eterno bem se esconde,
Não mora nestes, e aonde
O prazer só dura instantes.

Tu,

Tu, com teu Saber profundo,
Por Minerva befejada,
Dás glorias á Patria amada,
Como espanto, e pasmo ao Mundo:
Da Inveja o monstro iracundo
Tu arrostas, sem pavor,
Teu esp'rito he superior
Ao Globo em que a Morte impera,
Aonde, por lei severa
Dura seculos a dor.

RE-

RETRATO.

EU cantei de Milanie
A belleza, a perfeição,
As suas graças honrárão
A minha rude canção.

Disse, que apar de seus olhos,
As fulgurantes Estrellas,
Em noite escura, e serena,
Não scintillávão tão bellas.

Cantei-lhe os louros cabellos
De que Amor tece prizões,
Em que prende, em que captiva
Os mais livres corações.

Pro-

Provei serem suas faces
D'Amor dois jardins amenos,
Consagrados ás purpureas
Fragrantes Flores de Venus.

Cantei-lhe o collo nevado,
O peito de neve pura,
As Graças, que lhe guarnecem
A torneada cintura.

Fiz hum quadro tão perfeito
Da sua rara belleza,
Que ao vêllo ficou pasmada
De ufanía a Natureza.

Ah gentil Marcia divina!
Julgas que fiquei ufano!
Cantei quanto cantar póde
Hum habil Cantor humano.

Mandou-me Amor retratar-te,
Deo-me tintas de mil cores,
Que havião já preparado
Os melindrosos Amores.

Deo-me pinceis delicados
De diversas dimensões,
Feitas da felpa mimosa
Dos mais ternos corações.

Vaidoso tracei o quadro,
Depois dos pinceis beijar,
Intentei, Marcia celeste,
Teus lindos olhos pintar.

Tres vezes tentei a empreza,
Outras tantas suspirei,
Tres vezes tornei a vêllos,
E tres vezes desmaei.

Eis

Eis Amor me arranca as tintas,
Pinceis, e quadro rompeo:
Humano pintar não póde
Ethereas porções do Ceo.

Vai cantar, me diz surrindo,
De Milanie a belleza,
De Marcia as Graças não são
Sugeitas á Natureza.

FIM.

Catalogo dos Livros que se acbão de venda na mesma Officina na Rua da Atalaia ao Bairro Alto.

Diurno Romano com as Rezas proprias, na fórma do Calendario dos Bispados destes Reinos, e seus Dominios 8. 1 vol. 1600.

Theatro Comico Portuguez, ou Collecção das Operas Portuguezas, que se representárão nas casas do Theatro Públco do Bairro Alto, e Mouraria. 8. 4 vol. 1600.

Coro das Musas junto por Venus na casa do Sol em obsequio dos Reis Fidelissimos, e de todos os mais famosos Lusitanos, antigos, e modernos, &c. 8. 4 vol. 1920.

Rimas de Manoel Maria de Barbosa du Bocage 8. 3 vol. 1440.

Igreja Militante protegida pelo Omnipotente Deos 8. 6 vol. 2400.

Novo Livro, ou Jogo de Sortes, que faz hum lindo, e gostoso entretenimento das Companhias sociaes, inteiramente diverso, e com outra dispo-

posição de hum impresso no anno de 1797, com o titulo de *Recreio Honesto* 8. 1 vol. 480.

Historia da Acclamação do Senhor Rei D. João IV. com huma serie Chronologica dos Senhores Reis de Portugal, épocas do seu Nascimento, patria, idade em que começarão a reinar, Casamentos, Filhos, lugar onde falecérão, onde jazem, e as suas acções mais gloriosas 8. 1 vol. 480.

Lições de hum Pai a huma Filha sua na primeira idade 8. 1 vol. 480.

Historia do Imperador Carlos Magno, e dos doze Pares de França 8. 3 vol. em hum tomo 480.

A Fé dos Catholicos, Obra dirigida a instruir, e confirmar na sua crença os Catholicos, e a mostrar aos que o não são, que não tem razão alguma para os accusar de que vivem errados, nem algum justo motivo para viverem separados delles 8. 1 vol. 480.

Mappa Breve da Lusitania antiga, e Galliza Bracarense, no qual em seis Taboas Corograficas se noticião todas as Cidades, e Povoações que flo-

re-

recêrão nos Seculos passados em todas as seis Provincias em que se divide Portugal, e juntamente se nomêão os Póvos que as habitárão, e defendêrão dos inimigos: os Montes mais celebres que formoseão seu Paiz: os Rios notaveis: os Promontorios, e Ilhas que servião de baliza á sua navegação, e as Vias Militares que franqueavão a passagem aos Consules Romanos, e suas Tropas 8. 1 vol. 480.

Historia do Naufragio, e Cativeiro de Mr. Brisson, Official da Administração das Colonias Francezas, com a descripção dos Desertos de Africa, desde o Senegal até Marrocos, 1 vol. de 8. 400. réis.

Adão remido por Jesu Christo, Poema Evangelico 8. 1 vol 400. réis.

O Tolo por arte, e o Sabio por geito, dois Tomos em hum só volume, ou o Anti-Machiavelismo, nova Sciencia, e Arte para que cada hum dos Homens possa escapar aos detrimentos da Sociedade: obra muito necessaria para quem deseja viver no Mundo

do com amigos, honra, e paz, 480.

Viagens de Gibraltar a Tangere, Salé Mogador, Santa Cruz, Tarudante Monte Atlas, e Marrocos, usos, e costumes dos Mouros, descripção do Haram, &c. com o Mappa do Imperio de Marrocos 1 vol. 8. 480.

Ministro de Enfermos, ou nova instrucção de os visitar, e assistir aos Agonizantes, por meio de exhortações Christãas, com varias Orações, e Psalmos no Idioma Portuguez, e algumas paráfrazes sobre alguns versos da sagrada Escritura, tirada de varios Authores pelo P. Jacome Maria Galizia 1 vol. 8. 480.

Tratado do jogo do Voltarete, com as leis geraes do jogo 1 vol. 8. 480.

Relicario Angelico de Jesu Christo, e de Maria Santissima, adornado de muitas pedras preciosas 12. 1 vol 240.

Poesias Orientaes, que o insigne Cavalheiro Inglez Guilherme Jonas, Presidente das Justiças em Bengala, traduzio daquelles Idiomas em verso

ri-

rimado Inglez , e ornadas agora em Portuguez 2 vol. de 8. 800.

A Conversão miraculosa da felice Egypcia penitente Santa Maria, sua Vida, e Morte composta em redondilhas, por Lionel da Costa, Lusitano 1 vol. 240.

Exercicio devoto para pedir o Amor de Deos, e outras Virtudes pelo V. P. Fr. Luiz de Granada 1 vol. 12. 240.

Vida de Santa Margarida de Cortona, especial Advogada dos grandes Peccadores, 1 vol. 8. 400. réis.

Memorias Historico-Politico-Militares de Malta, e da Soberana Ordem de S. João de Jerusalem desde a sua primeira instituição até o anno de 1803 4. 1 vol. 600.

Tragedias de Sofonisba. — Mariamne. — Orestes. — D. Ignez de Castro, e Eufemia.

8101-38

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

PQ
9261
L42Q3

Leite, Antonio Bersane
Quadras glosades

UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 10 05 25 09 002 6